



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

**DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR - DESU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BILÍNGUE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO BILÍNGUE**

Processo de criação de sinais-termo em Libras

Tathiana Targine Nogueira

Rio de Janeiro

Agosto /2023

TATHIANA TARGINE NOGUEIRA

Processo de criação de sinais-termos em Libras

Dissertação apresentada ao Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Tanya Amara Felipe de Souza

Rio de Janeiro

Agosto/2023

N7787p Nogueira, Tathiana Targine.

Processo de criação de sinais-termo em Libras / Tathiana Targine Nogueira. — 2023.

85 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Tanya Amara Felipe de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Educação Bilíngue)—Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023.

1. Língua brasileira de sinais. 2. Terminologia. 3. Glossário. Título. II.

TATHIANA TARGINE NOGUEIRA

Processo de criação de sinais-termos em Libras

Dissertação apresentada ao Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof. Dr. Tanya Amara Felipe de Souza

BANCA EXAMINADORA

Prof. Valéria Muniz
INES

Prof. Valeria Fernandes
UFRJ

Aprovada em 30/08/2023

Dedico esta dissertação a Deus, o maior orientador da minha vida, a minha família e aos meus amigos. Sem vocês eu nada seria.

RESUMO

Durante anos, por vários fatores sociais, educacionais e políticos, não havia o reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais – Libras no Brasil e muitos surdos tinham pouco acesso às universidades públicas e/ou particulares. Diante disso, observamos a escassez de glossários específicos nas diversas áreas do conhecimento em Libras e, por isso, há alguns intérpretes e/ou surdos que usam datilologia por não se ter um sinal-termo. Nesta pesquisa, compreendemos glossário como um documento terminográfico de catalogação de terminologias destinado a atender um público que busca por informações lexicais precisas e visa melhorar seu desempenho linguístico, por meio do conhecimento de termos específicos de determinada área, segundo Faulstich (2010), Krieger (2012) e Tuxi (2016). Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar e registrar terminologia específica em Libras sobre educação bilíngue a fim de contribuir com os estudos terminográficos dessa língua. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, analisamos o processo de criação de sinais-termo sobre tipos de educação bilíngue. Para a coleta de dados, foram investigados dez sinais-termo, dos dezessete que foram extraídos do artigo de Felipe (2007) “Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas”, que foram analisados durante as aulas na disciplina “Educação Bilíngue” do Mestrado Profissional do INES. Os resultados parciais demonstram que ainda são poucos os glossários terminológicos com sinais da Libras e não há vasta divulgação dessas produções. Outros resultados preliminares revelam que a maioria dos glossários existentes em Libras no Brasil apresenta fotografias de sinais. O registro de sinais em imagem de uma língua gesto-visual representa uma perda de informação fonológica, limitando registros manuais e não-manuais, devido ao fato de o sinal não ser filmado. Dessa forma, constatamos que a elaboração de glossários para áreas específicas é latente para as comunidades surdas. Por isso, o produto desta pesquisa visa à disponibilização de uma playlist, em canal do YouTube, no Repositório do INES com acesso através de um QRCode, como estratégia equânime de distribuição/divulgação de sinais-termo sobre tipos de educação bilíngue.

Palavras-Chave: Libras. Terminologia. Terminografia. Glossário. Sinal-Termo.

ABSTRACT

For years, due to various social, educational and political factors, there was no legal recognition of the Brazilian Sign Language – Libras in Brazil and many deaf people had little access to public and/or private universities. In view of this, we observe the scarcity of specific glossaries in the different areas of knowledge in Libras and, therefore, there are some interpreters and/or deaf people who use typing because there is no term sign. In this research, we understand a glossary as a terminographic document cataloging terminologies intended to serve an audience that seeks precise lexical information and aims to improve their linguistic performance, through knowledge of terms specific to a given area, according to Faulstich (2010), Krieger (2012) and Tuxi (2016). Therefore, the objective of this research is to analyze and record specific terminology in Libras on bilingual education in order to contribute to terminographic studies of this language. Through bibliographical and qualitative research, we analyzed the process of creating term signs on types of bilingual education. For data collection, ten term signs were investigated, out of the seventeen that were extracted from the article by Felipe (2007) “Bilingualism and Bilingual Education: theoretical issues and pedagogical practices”, which were analyzed during classes in the subject “Bilingual Education” of the INES Professional Master's Degree. The partial results demonstrate that there are still few terminological glossaries with Libras signs and there is no widespread dissemination of these productions. Other preliminary results reveal that the majority of existing Libras glossaries in Brazil present photographs of signs. The recording of signs in images of a gesture-visual language represents a loss of phonological information, limiting manual and non-manual recordings, due to the fact that the sign is not filmed. Therefore, we found that the creation of glossaries for specific areas is latent for deaf communities. Therefore, the product of this research aims to make a playlist available, on a YouTube channel, in the INES Repository with access through a QRCode, as an equitable distribution/dissemination strategy for term signs on types of bilingual education

KEYWORDS: Libras. Terminology. Terminography. Glossary. Signal-Term.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Glossários UFSC	37
Figura 2	Dicionário Digital da Libras	38
Figura 3	Manuário (INES)	39
Figura 4	Spreadthesign	40
Figura 5	VLibras	42
Figura 6	Wikilibras	43
Figura 7	ProDeaf	44
Figura 8	Hand Talk	45
Figura 9	HandTalk e ProDeaf	45
Figura 10	Gráfico de Proficiência dos alunos (turma 2020)	51
Figura 11	Dados da Proficiência em Libras Língua Portuguesa (turma 2020)	52
Figura 12	Gráfico de Proficiência dos alunos (turma 2022)	52
Figura 13	Educação Bilíngue de Submersão (GP1)	58
Figura 14	Educação Bilíngue de Submersão (GP3)	58
Figura 15	Educação Bilíngue de Submersão com classe de língua separada (GP1)	59
Figura 16	Educação Bilíngue de Submersão com classe de língua separada (GP3)	60
Figura 17	Educação Bilíngue Segregacionista (GP1)	60
Figura 18	Educação Bilíngue Segregacionista (GP2)	61
Figura 19	Educação Bilíngue Segregacionista (GP3)	61

Figura 20	Educação Bilíngue Transitória (GP1)	62
Figura 21	Educação Bilíngue Transitória (GP2)	62
Figura 22	Educação Bilíngue Transitória (GP3)	63
Figura 23	Educação Regular com Ensino de uma Língua Estrangeira (GP1)	64
Figura 24	Educação Regular com Ensino de uma Língua Estrangeira (GP3)	64
Figura 25	Educação Separatista (GP1)	65
Figura 26	Educação Separatista (GP2)	66
Figura 27	Educação Separatista (GP3)	66
Figura 28	Educação Bilíngue por imersão (GP1)	67
Figura 29	Educação Bilíngue por imersão (GP2)	67
Figura 30	Educação Bilíngue por imersão (GP3)	68
Figura 31	Manutenção e educação bilíngue em língua patrimonial (GP1) ..	69
Figura 32	Manutenção e educação bilíngue em língua patrimonial (GP2) ..	69
Figura 33	Manutenção e educação bilíngue em língua patrimonial (GP3) ..	70
Figura 34	Educação Bilíngue de direção dupla em duas línguas (GP1)	71
Figura 35	Educação Bilíngue de direção dupla em duas línguas (GP2)	71
Figura 36	Educação Bilíngue de direção dupla em duas línguas (GP3)	72
Figura 37	Educação Bilíngue Geral (GP1)	73
Figura 38	Educação Bilíngue Geral (GP3)	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dicionários de uso e Enciclopédias	33
Tabela 2	Glossários Terminológicos em Libras	35
Tabela 3	Tradutores Eletrônicos	36
Tabela 4	Dados da Proficiência em Libras Língua Portuguesa (turma 2022	53
Tabela 5	Tabela de sinais-termo sobre Educação Bilíngue	56

SUMÁRIO

	Introdução	12
1	Bilinguismo e Educação Bilíngue	15
2	Estudos Lexicográficos e Terminográficos	19
2.1	Dicionários e Glossários: conceitos fundamentais	23
3	A produção de glossários, dicionários e enciclopédia bilíngues sobre a língua brasileira de sinais - Libras	28
3.1	Dicionários e Glossário Bilíngue (Língua Portuguesa / Libras)	30
3.2	Tradutores Eletrônicos	40
4	Metodologia da criação de sinais terminológicos	47
5	Criação de sinais-termo na área da educação bilíngue	50
5.1	Discussão e criação de um glossário com os sinais-termo para cada artigo	55
5.2	Análise dos sinais-termo investigados	56
	Considerações Finais	74
	Referências	76
	Apêndices	83

INTRODUÇÃO

No Brasil, encontramos uma diversidade linguística no que tange à comunicação de pessoas surdas. Dentre essa diversidade, há alguns surdos que optam pela comunicação em língua portuguesa, utilizando a oralização, há surdos que optam pela comunicação por língua de sinais e há ainda surdos que utilizam sinais caseiros ou um bimodalismo: sinais e oralização. Por isso, diversas concepções de bilinguismo têm sido pesquisadas nos dias atuais. Tais pesquisas descrevem teorias que apresentam o bilinguismo envolvendo questões étnicas, sociais, culturais, políticas, educacionais e acadêmicas, segundo Felipe (2012).

Por vários fatores sociais e políticos, os surdos tinham pouco acesso às universidades públicas e/ou particulares e o não reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras – como uma língua pode ter sido um fator para a não criação de glossários, fazendo com que muitos termos teóricos fossem apenas soletrados, sem uma reflexão sobre o conceito e a criação de um sinal próprio em Libras.

Diante disso, verificamos a necessidade de apresentar uma proposta de pesquisa e produção que promova a criação de glossário de sinais terminológicos relacionados ao bilinguismo, tema de estudo no Mestrado do INES-DESU.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, esta dissertação tem como objetivo analisar e registrar 10 (dez) sinais-termos sobre Educação Bilíngue, que foram produzidos por alunos de duas turmas do Mestrado Profissional em Educação Bilíngue do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), apresentados na disciplina obrigatória Educação Bilíngue para Surdos, ministrada pela Prof. Dr. Tanya Amara Felipe.

O registro dos sinais-termo em vídeo oferece a possibilidade de conhecer um sinal a partir dos parâmetros que o compõem.

Esse trabalho de dissertação e os vídeos em Libras são o produto final, que foram disponibilizados numa playlist no Youtube, organizados no site mestradotathiana.wixsite.com/educacaobilingue e divulgados no perfil do instagram @educacaobilingue. Todos os vídeos poderão ser acessados por um QRCode para que esse conhecimento lexicográfico seja democrático para todos com acesso à

internet. E, também será arquivado no repositório Huet, usado pela comunidade acadêmica do INES: DESU (Departamento de Ensino Superior), DEBASI (Departamento de Educação Básica) e EaD (Curso de Pedagogia na modalidade Ensino a Distância).

Para refletir sobre criações de sinais-termo, esta dissertação está dividida em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, relatamos o uso da Libras por surdos no Brasil, destacando definições basilares de bilinguismo. Retomamos políticas linguísticas realizadas em nosso país sobre essa língua de sinais, enfatizando a educação bilíngue (Libras-Língua Portuguesa) de surdos.

No segundo capítulo, apresentamos dois conceitos importantes para a pesquisa, a saber, dicionários e glossários. E, após, apresentamos uma lista de alguns dicionários e glossários bilíngues (Libras-Língua Portuguesa) e algumas pesquisas acadêmicas nessa área também. No mesmo capítulo, mostraremos o conceito básico dos tradutores eletrônicos, que são utilizados como dicionários por iniciantes nos estudos de Libras. Ressaltamos que neste capítulo foram descritos os seguintes conceitos: lexicografia/ lexicologia e terminografia/ terminologia. Compreendemos que a Lexicologia e Terminologia, sufixo {-logia}, estão relacionadas ao estudo de uma área de conhecimento, tanto diacrônico como sincrônico, enquanto que a Lexicografia e Terminografia, sufixo {-grafia} estão relacionadas ao registro, ou seja, a elaboração de dicionários de uso ou terminológico por áreas de conhecimento (FELIPE, 2022).

No quarto capítulo, apresentamos aspectos teóricos relacionados à metodologia de pesquisa e detalhamos o percurso metodológico realizado para a criação de alguns sinais-termo na área da educação bilíngue. Os seguintes sinais-termo foram analisados: 1. Educação Bilíngue de Submersão; 2. Educação Bilíngue de Submersão com classe de língua separada; 3. Educação Bilíngue Ensino Segregacionista; 4. Educação Bilíngue Transitória; 5. Educação regular com ensino de uma língua estrangeira; 6. Educação Separatista; 7. Educação Bilíngue por imersão; 8. Manutenção e Educação Bilíngue em língua patrimonial; 9. Educação Bilíngue de direção dupla em duas línguas; 10. Educação Bilíngue geral.

No quinto capítulo, descrevemos o processo de criação dos sinais-termo pesquisados e, em seguida, apresentamos os conceitos e a sinalização, seguida de imagem e QrCode, de cada um dos dez sinais investigados.

Dessa forma, este estudo visa contribuir para que os profissionais que trabalham na área de educação de Surdos (intérpretes, professores, mediadores e instrutores - surdos e ouvintes) tenham acesso a glossário específico em Libras em relação ao conceito de bilinguismo e contribuir também para as pesquisas no DESU nessa área - Manuário Acadêmico e escolar, coordenado pelas professoras Wilma Favorito e Janete Mandelblatt (<http://www.manuario.com.br/>) .

CAPÍTULO 1

BILINGUISMO E EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Neste capítulo, será contextualizado o uso da Libras por surdos no Brasil e apresentamos definições basilares de bilinguismo. Apontamos para a necessidade de desenvolver pesquisas acadêmicas que abordem sinais-termo em Libras sobre alguns conceitos relacionados à Educação Bilíngue, visto que ser competente em duas línguas (língua portuguesa escrita e Libras) é uma conduta de muitos surdos brasileiros.

Como acontece também em outros países, devido à tradição da educação de surdos, há diversidade linguística na comunicação de surdos no Brasil. Para exemplificar, há surdos que optam pela comunicação em língua portuguesa, utilizando a oralização e existem surdos que optam pela comunicação em Libras ou em ambas.

Segundo a Lei 10.436/2002, a Libras é a língua de comunicação da comunidade surda com sistema linguístico de natureza gestual-visual, com estrutura gramatical e discursiva própria. A partir dessa lei, a Libras tornou-se uma língua reconhecida legalmente, mas não possui status de língua oficial em território nacional, pois, conforme está previsto no artigo 13, da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, apenas a Língua Portuguesa é o idioma oficial.

No campo da Educação Bilíngue para educandos surdos no Brasil, ocorreram avanços em políticas linguísticas que promoveram o reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação (Lei 10.436/2002) e a inserção da disciplina Libras no curso de formação de professores (Decreto 5.626/2005) é um fator de reconhecimento que propicia a utilização dessa língua como língua de instrução.

A lei 14.191/2021 estabelece que a educação escolar na modalidade bilíngue de surdos será oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), o que corrobora com as lutas e avanços para um ensino de qualidade. Entretanto, pesquisas do GP NEPLIBRAS (INES-DESU-DEBASI-DDHCT) coordenadas pela prof. Dr. Tanya Felipe, desde 2013, buscam oficializar a Libras como disciplina na Educação Básica (primeira língua) e no Ensino Médio (segunda língua). E, para a eficácia do sistema educacional bilíngue para surdos, ainda é necessário investir na formação contínua

de profissionais que atuam nessa área: intérpretes, professores, mediadores e instrutores e professores de Libras.

Muitos surdos brasileiros usam a língua portuguesa escrita e a Libras sinalizada, sendo que a maioria não tem um conhecimento linguístico-acadêmico nas duas línguas e, por isso, também tem acontecido uma prática multimodal em situações de bilinguismo.

Partindo desse pressuposto, existem diversas concepções de bilinguismo pesquisadas e estudadas até os dias atuais que optam por alguma teoria ou conceito que respalde seus objetivos linguísticos, étnicos, sociais, culturais, políticos ou acadêmicos.

Diante do exposto, salientamos que o presente trabalho será sobre Educação Bilíngue e que todos os conceitos e terminologias relacionados ao bilinguismo listados são seminais e se justificam para compreender os rumos e aspectos de iniciativas e propostas da educação bilíngue no Brasil, especialmente no que tange às línguas minoritarizadas.

Para compreender o bilinguismo, partimos das definições de Mattoso Camara Jr. (1986) e Jean Dubois (1973). Em seguida, destacamos os conceitos multidimensionais do bilinguismo nas reflexões dos estudos de Cavalcanti (1999) e Megale (2019) e também a respeito dessa temática Felipe (1989) com relação ao conceito de bilinguismo diglótico das comunidades surdas.

Segundo Mattoso Camara Jr. (1986), bilinguismo é a competência da pessoa em usar duas línguas diferentes, como se ambas fossem a sua língua natural ou materna, escolhendo uma ou outra, de acordo com o momento social em que se encontra. Apesar da definição de Mattoso Camara Jr. e outras semelhantes serem alvos de críticas, é importante salientarmos o conceito de bilinguismo a fim de entendermos algumas divergências teóricas e práticas pedagógicas equivocadas sobre esse fenômeno nos dias atuais.

Jean Dubois (1973) propõe oito explicações para bilinguismo, mas para esta pesquisa foram destacadas somente algumas com o intuito de nos auxiliarem na compreensão geral deste conceito.

A primeira explicação para bilinguismo é a situação linguística na qual os falantes são levados a utilizar duas línguas diferentes, alternativamente, segundo os meios ou as situações. O autor considera essa modalidade o caso mais comum de plurilinguismo, onde não há necessidade de dominar completamente as línguas, além da sua natural, mas que seja capaz de utilizá-las para se comunicar.

Outra modalidade de bilinguismo, conforme Jean Dubois (1973), aconteceria em países nos quais vivem e convivem grupos de línguas diferentes. Neste contexto, bilinguismo é o conjunto de questões linguísticas, psicológicas e sociais a que os locutores são expostos ao utilizar em parte de suas comunicações uma ou outra língua.

Jean Dubois (1973) também propôs outro conceito que está relacionado a um movimento de inserção e aprendizado de línguas estrangeiras, como aparato legal, para que os indivíduos usufruam de comportamentos e pensares novos.

A maioria dos conceitos de bilinguismo está relacionada às línguas estrangeiras como língua adicional e às línguas usadas pela comunidade local, desde que não sejam oficiais ou de Estado.

Esses conceitos pensados a partir da realidade ou da modalidade oral também podem ser usados para descrever características do bilinguismo de línguas de modalidade gestual-visual, como é o caso das línguas de sinais.

Em relação aos estudos que Felipe vem desenvolvendo, desde 1989, a respeito do bilinguismo diglótico das comunidades surdas, a relação entre bilinguismo e diglossia constitui uma questão central para a classificação de comunidades linguísticas.

Segundo Fishman (FELIPE, 1989), o bilinguismo é compreendido como o uso de duas línguas por uma mesma pessoa (bilinguismo individual) ou pelo mesmo grupo social (bilinguismo grupal, institucional, social). A diglossia está relacionada a uma situação linguística em que duas variedades distintas de uma língua estão em relação de complementariedade funcional, sendo uma usada em contextos formais, outra em contextos informais. A diglossia pode se desenvolver por meio de diferentes origens e ocorrer em diferentes situações linguísticas. As comunidades dos surdos no Brasil

são bilíngues, considerando coexistirem duas línguas em contato, a saber: a Língua Portuguesa escrita, utilizada e ensinada na educação formal nas escolas e a Língua Brasileira de Sinais, usada entre surdos que utilizam essa língua e também por intérpretes, quando há intérpretes nas escolas.

Assim, as comunidades surdas têm lutado por uma educação bilíngue em escolas bilíngues para surdos, que é diferente da proposta de Educação Inclusiva, o que requer formação de professores bilíngues e da mesma forma, produção de material didático bilíngue (FELIPE, 1997). Para tanto, enquanto direito linguístico das comunidades surdas brasileiras, há necessidade, de um ensino formal da Libras, a criação de sinais terminológicos por área de conhecimento para acompanhar as terminologias científicas que são baseadas em diferentes áreas das ciências. Dessa forma, descrevemos, no próximo capítulo, estudos sobre pesquisas no campo do saber da lexicografia e terminografia, salientando a importância do processo de nomeação de sinais-termo.

CAPÍTULO 2

ESTUDOS LEXICOGRÁFICOS E TERMINOGRÁFICOS

Ao refletir acerca da práxis de pesquisa no campo do saber da lexicologia e terminologia, compreendemos que essas áreas de estudos sempre foram alvo de interesse e análise muito antes de tornarem disciplinas acadêmicas.

É interessante observar que a relevância da criação de vocábulos terminológicos faz parte da essência das línguas e nos últimos séculos está vinculada às conquistas linguísticas.

Desse modo, o que distingue as duas áreas – logia e grafia – é a natureza das unidades que elas registram. A Lexicologia e Terminologia, sufixo {-logia}, estão relacionadas ao estudo de uma área de conhecimento, tanto diacrônico como sincrônico.

A Lexicografia e Terminografia, sufixo {-grafia} estão relacionadas ao registro, ou seja, à elaboração de dicionários de uso ou terminológico por áreas de conhecimento.

A existência de registros desde o século XVI comprova a natureza terminológica presente nas línguas, a saber, a *Grammatica da Linguagem Portuguesa* de Fernão Oliveira (1553) e o *Dictionnaire des sciences des letters e des arts* (1864). Este último conceitua e define a terminologia como “palavra que designa um conjunto de termos técnicos de uma ciência ou de uma arte e das ideias que elas representam” (BARROS, 2004, p.32).

Porquanto, a carência e a urgência de novos vocábulos e categorizações, que expressassem e definissem áreas do saber científico, transformou-se numa necessidade legítima que gerou pesquisas e promoveu os avanços nas linguagens tecnológicas e científicas.

Segundo Tuxi (2016), a área da terminologia foi estabelecida como uma ciência de nomeação de objetos de uma área específica. Com o tempo esse conceito se expandiu de forma a se tornar uma disciplina de descrição e análise de termos em contextos de várias línguas.

Portanto, cabe às ciências supracitadas evidenciar o estabelecimento do componente léxico de um idioma e, segundo Faulstich (1997, p. 71), “a terminologia tem origem e evolução desde o momento em que as línguas são organizadas em gramáticas e dicionários”. Deste modo, o registro sistematizado do léxico de uma língua a legitima e a eleva a outro status, um status que valoriza o repertório praticado numa determinada comunidade linguística.

Portanto, o processo de organização dos registros de qualquer língua se originou através da criação de dicionários lexicográficos e, posteriormente, nos dicionários terminográficos.

Segundo Barros (2011), vários aspectos diferenciam o trabalho terminológico do lexicográfico, bem como o resultado desses trabalhos, a saber as obras terminográficas e lexicográficas. A terminografia elabora dicionários que contemplam termos de áreas técnicas, científicas e especializadas (obras terminográficas). A lexicografia, por sua vez, elabora dicionários de língua geral e especiais, estes entendidos como dicionários de língua que registram um tipo de unidade lexical ou fraseológica, como, por exemplo, os dicionários de expressões idiomáticas, de sinônimos, entre outros (BARROS, 2011, p.143).

Mas o foco desta pesquisa não será apresentar essas diferenças, porque este é um estudo bastante denso e com muitos caminhos a serem pesquisados e analisados. Por isso, optou-se por apresentar uma visão mais generalista a fim de que as principais diferenças sejam destacadas e auxiliem na compreensão da pesquisa dessa dissertação.

Como visto anteriormente, os registros lexicográficos se expandiram e originaram os estudos terminográficos, que tornaram uma área de pesquisa nomeada terminologia, que segundo Faulstich (2003), é o campo da ciência que estuda o léxico de especialidade. Por isso, a criação de glossários terminológicos é necessária porque esses são produtos que agregam conhecimento aos utentes das línguas e para além disso, contribuem para a gramaticalização da Libras.

Em síntese, o léxico geral é estudado pela lexicologia, que corresponde ao estudo do componente lexical geral das línguas que é registrado pela lexicografia, que pode ser definida como arte ou técnica de compor dicionários. Com relação aos

léxicos especializados das línguas, estes são registrados pela terminografia, através de dicionários específicos por área de conhecimento terminológico, apresentados através de glossários ou dicionários.

Machado, Tuxi e Martins (2022) organizaram uma obra na área de lexicografia, terminologia, através da contribuição de vários autores e prefácio de Felipe (2022), em que é possível se traçar uma trilha no universo dos estudos linguísticos e tradutórios na área de língua de sinais que permitem uma reflexão da abrangência dessa área.

Contribuindo para essa área também, esta pesquisa aqui apresentada apresentará e refletirá sobre a criação de sinais-termo, e cabe expor qual o conceito escolhido para servir de base teórica deste trabalho. É basilar entender a diferença entre Sinal e Sinal-termo à luz de definições fornecidas por Faulstich (2012):

Sinal. 1. Sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais. 2. Propriedades linguísticas das línguas dos Surdos. Nota: a forma plural – sinais- é a que aparece na composição língua de sinais. Termo. Palavra simples, palavra composta, símbolo ou fórmula que designam os conceitos de áreas especializadas do conhecimento e do saber. Também chamado unidade terminológica.

Sinal-termo. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira (FAULSTICH, 2012, p.4).

O conceito “sinal-termo”, usado na Língua Brasileira de Sinais Brasileira foi criado por Faulstich, em 2012, e registrado pela primeira vez na dissertação de Costa (2012). O respectivo sinal para sinal-termo na Libras foi desenvolvido no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais - LabLibras e no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro LexTerm2 da Universidade de Brasília-UnB.

Neste trabalho, serão apresentados os sinais-termos criados pelos grupos das turmas de Mestrado de 2020 e 2022 e inclui a tradução¹ feita por um discente do

¹ É importante ressaltar que a metodologia de criação do aluno do DESU não atendeu aos mesmos critérios metodológicos descritos neste trabalho referentes à criação dos sinais pelas turmas e grupos do Mestrado do INES.

DESU para a inserção do vídeo sobre o artigo no repositório do antigo NEO (Núcleo de Educação On-line do INES), hoje EaD (Ensino a distância), em 2021.

Em 2023, foi defendida uma dissertação no Mestrado do DESU, sob a orientação da Prof. Dr. Tanya Felipe, em que o professor e intérprete de Libras, Leonardo Ribeiro de Barros, trabalhando com os resumos expandidos de artigos trabalhados na disciplina obrigatória, ministrada pela referida professora, fez também a versão em Libras, quando utilizou os sinais que foram criados pela primeira turma e que foram revistos e ampliados pela segunda turma que serão apresentados nesta minha dissertação.

O grupo de pesquisa da turma de 2022 apresentou etapas e processos similares ao grupo de 2020; entretanto, vale destacar que não foram criados todos os dez sinais propostos no artigo, conforme indicado na tabela que será apresentada no outro capítulo.

Em relação às etapas adotadas para a criação dos sinais analisados nessa pesquisa, descrevemos a seguir os procedimentos realizados:

Na primeira etapa, a partir da apresentação do artigo para a turma pela professora, cada grupo teve que ler o seu respectivo artigo para identificar os conceitos relacionados à Educação Bilíngue.

Na segunda etapa, nosso grupo pesquisou os sinais-termo encontrados no artigo para verificar a existência de sinal-termo em várias plataformas, dicionários e canais digitais.

Na terceira etapa, aconteceram reuniões dos discentes, surdos e ouvintes, com a professora da disciplina para identificar quais dos conceitos destacados seriam relevantes para a criação dos sinais em Libras.

Após esse momento, houve a formação de subgrupos de pesquisa para a discussão dos conceitos e criação dos sinais.

Num quinto momento, esses subgrupos se encontraram para discutir e validar entre os pares, discentes surdos e ouvintes e a professora, os sinais criados. Todos os mestrandos em Educação Bilíngue pelo INES, nessa etapa, participaram dos ajustes dos sinais no que tange à configuração e/ou alterações para que se

adequassem aos conceitos estabelecidos no artigo acadêmico. O objetivo foi formar e sistematizar a terminologia específica das várias abordagens da Educação Bilíngue, um fenômeno linguístico que acontece em todas as modalidades de língua.

Para a análise desses dez sinais-termos, realizamos a descrição conceitual seguida de imagem dos sinais com Qrcode do link para vídeo. Destacamos que dos três grupos investigados, o grupo de pesquisa GP2 (GT - 2022) produziu apenas seis sinais-termo. Todos os sinais foram filmados pela autora da pesquisa e estão disponíveis no seguinte link: <https://mestradotathiana.wixsite.com/educacaobilingue>

A seguir, apresentamos definições basilares sobre os conceitos de dicionários e glossários.

2.1. Dicionários e Glossários: conceitos fundamentais

Neste momento, serão apresentados diferentes olhares a respeito das definições de “dicionário” e “glossário”, apresentando semelhanças e diferenças desses termos.

Segundo Nunes (2010), um dicionário é uma lista de palavras, com definições e exemplos. E, para este estudioso, a perspectiva com a qual se observa esse objeto poderá determinar a sua concepção.

Em relação ao glossário, para Correia (2009),

o glossário é uma lista restrita de vocábulos de um determinado domínio do conhecimento, de um determinado registro linguístico (por exemplo, o calão, a gíria), específicos da obra de um ator, constituída por neologismos, arcaísmos, regionalismos, etc. O glossário distingue-se do dicionário não apenas pelo número reduzido de entradas, mas também pela possibilidade de reduzir as informações apresentadas (CORREIA, 2009, p. 21).

Para Krieger (2012), o glossário teve início como uma breve lista de palavras ou termos com seus significados no final de textos para serem consultados.

Em relação à distinção de “dicionário terminológico” de um “glossário terminológico”, segundo Faulstich (2010), ao se tratar das áreas de especialidade, é possível encontrar glossários ou dicionários de terminologia.

Para a autora, o dicionário de terminologia é o dicionário com terminologia de uma ou de várias áreas científicas ou de áreas técnicas, em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, ou, ainda, em ordem alfabética e sistêmica ao mesmo tempo (FAULSTICH, 2010, p.177 - 178).

Já o glossário terminológico apresenta um conjunto de termos, normalmente de uma área, apresentados em ordem sistêmica ou em ordem alfabética. Assim como no dicionário, no glossário podemos encontrar também informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não o contexto de ocorrência do termo.

A partir dessas conceituações, notamos semelhanças nesses dois conceitos abordados. Entretanto, a quantidade de termos presentes em cada uma dessas obras é um dos aspectos que distingue um glossário de um dicionário. Em outras palavras, um dicionário compila uma grande quantidade de termos, ao passo que um glossário lista uma quantidade menor (FAULSTICH, 2010, p. 178). Vale ressaltar que os conceitos trabalhados pelos autores não entraram na questão dos dicionários monolíngues e bilíngues, as abordagens supracitadas referem-se a línguas específicas.

Com relação à conceituação para Termo, este pode ser palavra simples, palavra composta, sintagma, símbolo ou fórmula, que designam os conceitos de áreas específicas do conhecimento, mas também é denominado unidade terminológica; no entanto, quando a unidade terminológica é formada por uma combinação entre termos, segundo regras de lexicalização, para formar um conceito coeso com um só significado, é denominado Unidade Terminológica Complexa - UTC, uma vez que o todo possibilita a elaboração da definição.

Em lexicologia estrutural, lexema é entendido como unidade mínima distintiva do sistema semântico de uma língua. Em outras palavras, é a parte de uma palavra que constitui uma unidade mínima dotada de significado lexical. Os

lexemas compõem, em grande parte, as palavras-entradas dos dicionários de uso 2. O gramema, na terminologia de B. Pottier, é um morfema gramatical, por oposição aos morfemas lexicais ou lexemas, ou seja, é morfema gramatical que pode ser representado por formas presas (afixos) ou formas soltas/livres (preposições e alguns advérbios).

Diante dessa questão linguística, diferentes estudiosos têm se debruçado sobre a complexidade do signo linguístico. Para exemplificar, podemos citar os estudos do linguista Saussure (2006) ³ no Curso de Linguística Geral:

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material” é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (SAUSSURE, 2006, p. 80).

Saussure descreve que o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces – também conceituadas como significado e significante – e “que somente as vinculações consagradas pela língua” são conformes à realidade (SAUSSURE, 2006, p. 80). Para esse autor, a relação entre significado e significante é arbitrária, isto é, não existe uma relação direta entre o significante e o sentido. Essa relação foi estabelecida por convenção, aceita em sociedade, ou seja, um acordo tácito.

Por isso, há controvérsias em relação à arbitrariedade do signo, levantadas por diversos autores, como Sapir (1927) e Jakobson (2010). Desde a Grécia Antiga com Platão, em Crátilo, há a discussão se os sons da linguagem foram constituídos por convenção ou por natureza.

² Todo dicionário de uso que entende esse “uso” apenas como frequência tem, em princípio, um caráter unicamente descritivo, isto é, apenas descreve a língua usada pelos falantes em um determinado intervalo de tempo e em um determinado espaço, de forma que são registradas as estruturas da língua com uma primordial finalidade informativa e sem preocupação em estabelecer o que é certo ou errado (ZANATT; MIRANDA, 2007, p.2).

³ O “Curso de Linguística Geral” foi publicado pela primeira vez em 1916.

No caso das línguas de sinais, os sinais foram constituídos por convenção ou por natureza. Diferente de Saussure que destacava o caráter arbitrário da língua, nos estudos de línguas de sinais é possível destacar o caráter icônico de muitos sinais.

Para exemplificar, o sinal BOLA em Libras. A representação visual do sinal está relacionada às diversas características do objeto: tamanho, forma, cor, função, material, dentre outros, logo, há uma motivação para a relação entre significante e significado.

Essa motivação, sendo diferente de língua para língua, implica também uma convencionalidade e, por isso, pode-se refletir também que essa iconicidade é uma convenção e, portanto, uma “arbitrariedade cultural”.

Já Wilcox (2004) esclarece que

quando vista de uma perspectiva cognitiva, a iconicidade gramatical se revela tão onipresente entre as línguas de sinais quanto entre as línguas faladas - na verdade, porque os movimentos visíveis das mãos têm ainda mais potencial semiótico do que os movimentos predominantemente invisíveis dos articuladores do trato vocal, as línguas de sinais são ainda mais icônicas do que as línguas faladas (WILCOX, 2004, p.121).

A iconicidade destacada nas línguas de sinais por Wilcox (2004) remete a outro autor e a outra teoria na qual a relação dos objetos e do pensamento são representadas através de ÍCONE, ÍNDICE E SÍMBOLO (Peirce, 1839 — 1914).

Para os estudos semióticos, conforme Pierce (2005), o índice é um signo que se aproxima através de alguma ligação com a existência, pois possui uma relação direta com o objeto e nos mostra algo que aconteceu ou vai acontecer.

O ícone é um signo que comunica de forma imediata porque é imediatamente percebido, tais como quadros, desenhos, estruturas, modelos, esquemas, predicados, metáforas, comparações, figuras lógicas e poéticas, etc.

E por último, o símbolo, fundamentado na arbitrariedade do signo de Saussure, é um signo que existe através de uma regra convencional. Refere-se ao que possa concretizar a ideia ligada à palavra de uma língua oral ou ao sinal de uma língua de

sinais. O símbolo é um produto cultural criado, a relação é convencionada e arbitrária. No entanto, os itens lexicais que são índices e ícones nas línguas também possuem uma convencionalidade, embora seja mais facilmente identificado com o objeto que representa.

Assim, nessa visão da semiótica, sinais da Libras que apresentam representações icônicas com objetos por similaridade, revelando as mesmas características que o objeto, serão considerados como ícones, ao passo que sinais que não guardam relação alguma de similaridade com o objeto referenciado pois são convencionais e arbitrários, serão considerados símbolos (MEIRE et col, 2017, p. 160).

Com relação aos índices, nas línguas de sinais seriam sinais relacionados diretamente ao objeto como os pronomes pessoais, demonstrativos, entre outros que são sinalizados a partir do apontar para o referente. (FELIPE, 1997b, 2000, 2006)

Diante do exposto, seja em uma língua oral-auditiva ou em uma língua de sinais, os sinais-termo são unidades lexicais criadas para áreas específicas do saber, por exemplo, um texto acadêmico, com suas terminologias específicas por áreas de conhecimento.

CAPÍTULO 3

A PRODUÇÃO DE GLOSSÁRIOS, DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIA BILÍNGUES SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

A partir da Lei 10.436 (24/04/2002), outros normativos legais foram publicados a fim de garantir aos surdos o uso da Libras como primeira língua e Português escrito como segunda língua, apesar de haver surdos que optam pela comunicação apenas em português – surdos oralizados.

No Brasil, existe uma única língua oficial: a Língua Portuguesa, conforme descrito no artigo 13 da Constituição (1988): A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil. No entanto, a Lei n.º 10.436/2002 reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão. Com estatutos legais distintos, percebe-se que as línguas não estão no mesmo nível de legitimidade porque a Língua Portuguesa é a língua oficial da nação, enquanto a Libras é reconhecida apenas como o meio de comunicação legalizado para as comunidades surdas urbanas.

Segundo Ferreira (2010, p.23), em lugar de “meio de comunicação” seria mais apropriado o termo “sistema linguístico”, porque meio de comunicação pode também ser qualquer mecanismo não linguístico como, por exemplo, os vários códigos e signos sociais.

Apesar do processo de legalização da Libras ter tramitado no Senado por seis anos, após várias reuniões, promovidas pelo MEC-SEESP (Secretaria de Educação Especial), com especialistas e membros das comunidades surdas terem discutido e elaborado um documento que foi entregue para o MEC, foi promulgada a lei com questões inapropriadas porque, segundo participantes da comissão que elaborou a proposta dessa lei, relatado pela Profa. Tanya Felipe, uma das participantes, ela foi reformulada para uma versão que o Ministério da Educação e seu setor jurídico julgou mais apropriado.

Embora, tenha sido benéfica na intenção de validar o status linguístico da Libras, não inseriu oficialmente os usuários dessa língua num grupo minoritariamente linguístico.

A Libras, segundo uma interpretação da lei, não preencheu as funções de uma língua. Essa garantia vem sendo amplamente debatida nos meios acadêmicos e políticos. Fato que impulsionou a publicação da Lei nº 14,191 em 3 de agosto de 2021, modificando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, regulamentando a educação bilíngue para surdos.

No entanto, embora tenham sido elaboradas as Bases Nacionais Comuns Curriculares para a língua portuguesa e para a língua inglesa, a Libras não foi contemplada, o que implica a não oficialização de uma proposta realmente bilíngue para a Educação de Surdos em que a Libras seja a primeira língua e a língua portuguesa a segunda língua em escolas para surdos e língua de instrução, através de intérpretes, em escolas com proposta inclusiva.

Apesar dos problemas de ordem terminológica no texto da Lei de Libras, essa lei foi sancionada e, como expõe Ferreira (2003), é muito importante, porque reconhece a Língua Brasileira de Sinais como língua materna dos surdos (Art. 1o, parágrafo único) e o bilinguismo como abordagem educacional que norteará a educação dos surdos no país (Art. 4o, parágrafo único).

No entanto, é inadequado afirmar que a Libras seja a língua materna dos surdos porque a maioria dos surdos não é filho ou filha de pais surdos sinalizantes. A realidade brasileira mostra que filhos surdos nascidos em lares de pais ouvintes, que não conhecem, não usam a Libras, só irão ter o primeiro contato com a língua de sinais quando conseguem ir para uma escola que ofereça essa língua ou, posteriormente, quando tiveram acesso à comunidade surda. E, o contato com essa língua na escola não acontecerá de forma didática ou sistemática, porque a maioria das escolas regulares onde muitas crianças surdas estudam, a Libras ainda não é ensinada como disciplina e intérpretes não estão presentes.

Embora haja um aumento das publicações legais, ainda há carência no território nacional sobre temas específicos a respeito dos estudos linguísticos da Libras, acessíveis para professores e comunidade surda. Além do mais, o reconhecimento da língua de sinais como a língua das comunidades de surdos brasileiros está relacionado ao reconhecimento dos surdos como membros de uma comunidade linguística minoritária. Cabe ressaltar, que para além de conceitos

teóricos, encontram-se alguns conflitos linguísticos, devido ao fato de que “as línguas em situação minoritária, ou simplesmente, línguas minorizadas” (LAGARES, 2018, p.121) não dispõem de instrumentos a serviço das línguas hegemônicas, a saber, a Língua Portuguesa. Esses instrumentos são dicionários, gramáticas e materiais que legitimam as línguas e disponibilizam acesso às regras para que a prática e fluência sejam democráticas.

O território brasileiro é imenso, as políticas sociais e linguísticas adotadas e implementadas ao longo de décadas são também multifacetadas, criando possibilidades diversas. A escolha da Língua Portuguesa como idioma oficial desse país não inibiu o crescimento de diversas realidades bilíngues ou de línguas em contato, mesmo porque a realidade multilíngue brasileira é anterior à Constituição de 1988.

O Brasil é um país multilíngue tendo em vista a diversidade linguística, tais como as línguas indígenas e as de imigrantes, por exemplo. Assim, a ideia do monolinguismo atrelado à Língua Portuguesa é uma questão política de unificação do Estado-nação. Apesar do aumento das publicações legais, ainda há carência no território nacional sobre temas específicos a respeito dos estudos linguísticos da Libras, dentre eles o estudo de sinais-termo específicos às diversas áreas de conhecimento acadêmico.

Essa necessidade está atrelada ao aumento de surdos que estão entrando em várias áreas de conhecimento e trabalhos específicos que têm gerado a criação de sinais específicos para as áreas de conhecimento que precisam ser registradas através de glossários/dicionários terminológicos.

3.1. Dicionários, Enciclopédias e Glossário Bilíngues (Língua Portuguesa – Libras)

Nesta seção, retomamos a divisão em categoria para o registro de vocábulos em uma língua, como os registros em dicionários e glossários e, posteriormente, apresentamos panorama de algumas obras que contribuíram para os estudos lexicológicos e terminológicos sobre a Libras no Brasil.

Destacamos que categorizar é uma das atividades cognitivas humanas mais básicas que envolve a apreensão de uma entidade individual, por exemplo, experiências particulares (CROFT; CRUSE, 2004). Esse processo cognitivo de categorização contribui para a organização dos vocábulos de uma língua, que podem ser organizados de diferentes formas, dentre elas, no dicionário (uma lista de palavras, com definições e exemplos) ou em um glossário (lista restrita de vocábulos de um determinado domínio do conhecimento, de um determinado registro linguístico), conforme já abordado na seção 2.1.

Um dos primeiros registros em Língua de Sinais Brasileira é o livro nomeado como um dicionário iconográfico, contendo o registro dos sinais praticados pelos surdos, na segunda metade do século XIX. Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos, reproduzido por Flausino Gama em 18754 que é um marco para a institucionalização da língua de sinais no Brasil. Durante um longo período, a falta de publicação de dicionários em língua de sinais foi notada, provavelmente por conta da proibição do uso de uma língua gesto-visual para atender às normativas do Congresso de Milão. Por isso, segundo Felipe (2000), somente em 1969, foi elaborado e publicado outro dicionário intitulado "Linguagem das mãos", de Eugênio Oates. Assim como o de Flausino da Gama, que absorveu a influência da língua de sinais francesa, a obra de Eugênio Oates concentrou grande influência de outra língua de sinais – nesse caso, a americana.

Esses dois livros foram, durante décadas, o material didático utilizado pelos instrutores surdos para ensinar sua língua e, talvez por essas obras trazerem uma seleção de fotografias ou desenhos de sinais da LIBRAS com explicações, a metodologia que vem sendo utilizada para ensinar esta língua tem sido somente a apresentação de sinais e tradução dos mesmos (FELIPE, 2000, p. 1).

A partir da “virada linguística”, na década de 80, com relação à defesa da Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros – LSCB, pelo Grupo de Estudos Linguagem e Surdez - GELES, associado à ANPOLL, começou-se a discussão sobre

⁴ Segundo Sofiato (2011), esse material brasileiro fez uma tradução iconográfica da obra de Pelissier (1856), visto que os sinais desenhados por Flausino são cópias exatas dos sinais reproduzidos na versão francesa. É importante entender que esse material se refere ao período histórico, no qual a influência da língua e dos costumes franceses era muito forte no Brasil.

direito linguístico, Educação Bilíngue para as comunidades surdas, aquisição dessa língua como primeira língua e as pesquisas linguísticas sobre essa língua, denominada posteriormente de Língua de Sinais Brasileira - Libras (FELIPE, 2019). Essas pesquisas impulsionaram os estudos sobre descrição linguística da Libras, pesquisas lexicográficas, aquisição de linguagem, proposta de educação bilíngue e demais pesquisas em desenvolvimento atualmente são considerados importantes para a formação e atuação dos intérpretes de Libras e profissionais bilíngues.

Dessa forma, a partir do reconhecimento legal da Libras, o aumento das pesquisas tornou-se uma realidade em diversas áreas de conhecimento. A descrição do processo de criação dos sinais-termo em Libras, relacionados a conceitos ligados à Educação Bilíngue traz à tona a compreensão de alguns conceitos específicos, a saber, dicionário e glossários.

Há também glossários bilíngues com termos dispostos em sequência nas duas línguas. No entanto, algumas propostas de glossário são oferecidas a partir de trabalhos voluntários, nos quais qualquer internauta pode inserir um termo sem uma discussão prévia sobre um sinal e sua origem.

Entretanto para cada verbete da língua fonte há a descrição de seus equivalentes na língua alvo. Em materiais didáticos dos cursos de Letras-Libras, o glossário é entendido como uma ferramenta que auxilia no processo de elucidação de termos-técnicos que possuem significados e sentidos ainda pouco conhecidos para o público a quem se destina o curso, principalmente, no caso os surdos (OLIVEIRA; STUMPF, 2013).

Neste capítulo, a fim de apresentar um bom panorama dos registros de estudos lexicológicos e terminológicos, apresentamos um breve levantamento de dados históricos sobre dicionários e glossários de Libras no Brasil e, em seguida, descrevemos algumas pesquisas realizadas nos últimos dez anos, sejam projetos de pesquisas ou dissertações/teses.

Em relação ao panorama histórico de dicionários de Libras no Brasil, apresentamos a tabela com dados em ordem cronológica, segundo pesquisas de Silva (2012), Cardoso (2017) e Sessa (2018), reformulando-a, a partir de novos dados pesquisados, mas vale ressaltar que a Libras tem sido alvo de diversas pesquisas na

pós-graduação no território nacional, que resultaram em produção de glossários terminológicos, como os exemplos a seguir:

Tabela 1 – Dicionários de uso e Enciclopédias

Título	Autor(es)	Ano	Formato
Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos	Flausino José da Gama	1875	Livro
Linguagem das Mãos	Eugênio Oates	1969	Livro
Linguagem de Sinais do Brasil	Harry W. Hoemann, Eugênio Oates e Shirley A. Hoemann	1983	Livro
Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais Verão 1.0 - 3.000 verbetes	Tanya Amara Felipe de Souza et al.	2001	CD/site ⁵ INES
Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira	Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael	2001	Livro
Dicionário de Libras Ilustrado	Secretaria de Educação do Governo de São Paulo	2002	CD-ROM
Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Versão 2.0 - 6.000 verbetes	Tanya Amara Felipe de Souza et al.	2005	CD-ROM site INES
Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira - O mundo do surdo em Libras	Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael	2005	Livro

⁵ <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>

LIBRAS Língua Brasileira de Sinais – A imagem do Pensamento	Catarina Kiguti Kojima e Sueli Ramalho Segala	2009	Livro
Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – DEIT-LIBRAS	Aline Cristina L. Maurício, Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael	2009 2015	Livro
Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez	Marcia Honora e Mary Lopes Esteves Frizanco	2009	Livro
Elaboração do Dicionário Bilíngue para Tradução automática através de Avatar	Tanya Amara Felipe de Souza	2016	CD
Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos (edição atualizada e ampliada do Novo Deit-Libras)	Antonielle Cantarelli Martins, Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael	2021	Livro

Fonte: a autora

Tabela 2 – Glossários Terminológicos em Libras

Títulos	Autor(es)/Instituição	Ano	Formatos
Glossário de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina	Marianne Stumpf (UFSC)	2006	Site ⁶
Projeto Surdos: Sinais de Biociências	Vivian Barral Rumjanek	2009	Youtube ⁷
Manuário Acadêmico Escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos	Janete Mandelblatt e Wilma Favorito	2011	Site ⁸
Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música	Daniela Prometi Ribeiro	2013	Online ⁹
Glossário de Esportes Olímpicos em Língua de Sinais Brasileira	UFF	2015	Online ¹⁰
Glossário de termos técnicos em Libras - Curso Técnico em Informática	Programa SENAI de Ações Inclusivas	2016	Site ¹¹
Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da História do Brasil	Eduardo Felipe Felten	2016	Online ¹²
Glossário Jurídico em Libras: Direito Constitucional	Priscilla Cavalcante	2017	Online ¹³
Glossário de Sinais de Natação	Erick Rommel Hipollito	2017	Online ¹⁴

⁶ <https://glossario.libras.ufsc.br/>

⁷ <https://www.youtube.com/@projetosurdos/playlists>

⁸ <http://www.manuario.com.br/>

⁹ <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15032>

¹⁰ <https://xdocz.com.br/doc/glossario-de-esportes-olimpicos-libras-vo9eg73wl6nj>

¹¹ <https://www.portaldaindustria.com.br/publicacoes/2016/8/glossario-de-terminos-tecnicos-em-libras-informatica/>

¹² <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21493>

¹³ <http://cmpdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/186/2018/08/Disserta%C3%A7%C3%A3o-PriscillaFonsecaCavalcante.pdf>

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=xQ9oexEsFbQ>

Glossário de Matemática em Libras: uma ferramenta de inclusão	Danilo Carvalho	2017	Online ¹⁵
Folclolibras: Um Glossário Construído com a Contação de História	Alessandra Teles Sirvinskas Ferreira	2020	site ¹⁶
Léxico Bilíngue Sinais-termo de equipamentos agrícolas	Francilene de Almeida	2020	Online ¹⁷

Fonte: a autora

Tabela 3 – Tradutores Eletrônicos

Títulos	Autor(es)/Instituição
VLibras	Ministério da Economia (ME) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
ProDeaf	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Hand Talk	Ronaldo Tenório, Thadeu Luiz e Carlos Wanderlan (UFAL)

Fonte: a autora

UFSC

A Universidade Federal de Santa Catarina disponibiliza online um glossário dividido nas áreas.

¹⁵ <http://cmpdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/186/2018/08/Disserta%C3%A7%C3%A3o-DaniloCoutoTeixeiradeCarvalho-17.pdf>

¹⁶ https://www.researchgate.net/publication/346518489_FolcloLibras_cantigas_de_roda_acessiveis_para_surdos

¹⁷ https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40514/1/2020_FrancileneMachadodeAlmeida.pdf

Figura 1 - Glossários UFSC



Fonte: <https://libras.ufsc.br>

As principais áreas são: Letras Libras; Arquitetura; Cinema; Psicologia e Literatura. É possível realizar a busca pelos sinais de três formas: Sinal – Português – Inglês. No entanto, o acervo é reduzido, porque a proposta inicial seria a inserção de termos de forma colaborativa e voluntária.

INES: Dicionário Digital da Libras e Manuário Acadêmico e escolar

O Instituto Nacional de Educação de Surdos iniciou pesquisas na área de lexicografia no Brasil com a obra de Flausino da Gama e, muito tempo depois, com a pesquisa do Dicionário da Libras e, posteriormente, como o Manuário Acadêmico e Escolar.

Segundo FELIPE (2012: p.2) “ao se organizar dicionários bilíngues, uma das dificuldades é a não equivalência dos itens lexicais das línguas com relação ao processo de formação lexical porque as perspectivas culturais interferem na relação linguagem-pensamento que moldam as relações fono-morfossintático-discursiva de cada língua. Refletindo sobre essa questão com relação a línguas de modalidades diferentes, como a Libras e a Língua Portuguesa, é possível constatar que nem sempre é possível estabelecer uma equivalência entre os seus itens lexicais porque eles podem se materializar como lexia simples ou composta, mas podem ser expressões lexicalizadas.”

A primeira versão (1.0) do Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais foi elaborada e executada no Instituto Nacional de Educação de Surdos, com o

financiamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e apoio da Secretaria de Educação Especial do MEC. Para a elaboração desse dicionário, concebido e coordenado pela linguística Prof. Dra. Tanya Amara Felipe, inicialmente foi uma proposta lexicográfica para a criação de um material que pudesse ser disponibilizado on-line¹⁸ e por CD.

Figura 2 - Dicionário Digital da Libras



Fonte: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>

O Dicionário Digital da Libras, dicionário de uso, teve sua primeira edição, com verbetes para 3.850 sinais, publicada pelo INES em 2003 e a segunda, com 8.000 verbetes, em 2005. Cada verbete contém um filme do item lexical, classe gramatical, acepção, origem (regional ou nacional), exemplificação transcrita em Libras e traduzida para o português e configuração da mão dominante. Uma das diferenças desse dicionário em relação aos já existentes é que possibilita a busca de um sinal ou pela primeira letra do item lexical em português ou através do parâmetro configuração de mãos da Libras ou ainda pelo assunto (FELIPE, T. A.; BAALBAKI, A.; FAVORITO, W. MANDELBLATT, 2012, p. 95).

Apesar de não estar hospedado em um link institucional, o Manuário Acadêmico e Escolar, produzido por um grupo de pesquisa do Instituto Nacional de

¹⁸ Edições disponíveis nos sites: 1ª versão: www.ines.gov.br; 2ª versão: www.librasemcontexto.org

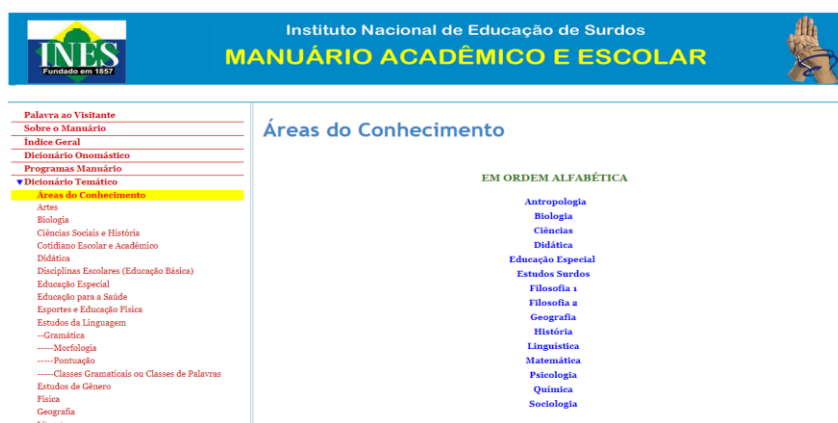
Educação dos Surdos, nasceu da necessidade de registrar e divulgar sinais da Libras que circulam em dois contextos bem definidos: o Colégio de Aplicação e o Curso Bilíngue de Pedagogia do INES. (FELIPE et al, 2012)¹⁹

Com uma equipe constituída por discentes e profissionais surdos e ouvintes do INES, o principal objetivo do Projeto Manuário, assim batizado pelo professor surdo Valdo Nóbrega, é contribuir para o fortalecimento da Libras como língua de instrução. Por isso, o repertório terminológico pesquisado e registrado compreende conceitos e autores pertinentes ao universo escolar e acadêmico.

O processo de pesquisa e registro abrange três etapas: (a) coleta de sinais junto a alunos surdos, professores e intérpretes do Instituto; (b) sessões de validação desses sinais com professores surdos do INES e outros representantes da comunidade acadêmica; (c) filmagem em estúdio dos sinais validados.

O Manuário está organizado em três grandes áreas: INDICE GERAL – DICIONÁRIO ONOMÁSTICO – DICIONÁRIO TEMÁTICO. Na área DICIONÁRIO TEMÁTICO, há 28 subáreas, que abrangem da matemática a textos acadêmicos:

Figura 3 - Manuário (INES)



Fonte: <http://www.manuario.com.br/dicionario-tematico/areas-do-conhecimento.html>

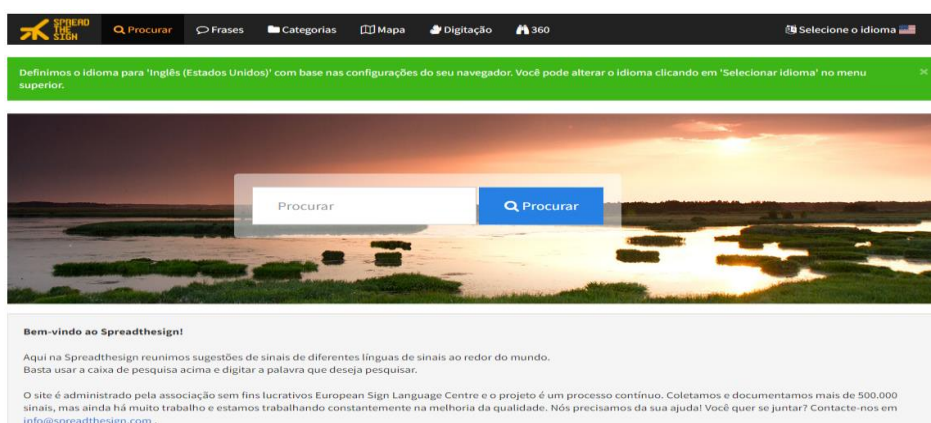
¹⁹ FELIPE, T. A.; BAALBAKI, A. ; FAVORITO, Wilma; MANDELBLATT, J. . Processo de expansão lexical da Libras: Estudos preliminares sobre criação terminológica em um Curso de Pedagogia. LSI. Lengua de Señas e Interpretación, v. 3, 2012: 89-102.

Spread The Sign

O Spread the sign é uma proposta de glossário internacional em que equipes de países podem inserir itens lexicais de línguas de sinais de seus respectivos países e está disponível em site e app, em que são apresentados sinais com aceções similares em várias línguas de sinais e é gerenciado pela European Sign Language Center (Centro de Línguas Gestuais Europeias). O site foi desenvolvido em 2006, pela Universidade de Örebro com a parceria inicial de instituições da República Checa, Espanha, Lituânia, Portugal e Reino Unido. Em 2010, segundo Fredäng, registra-se a participação no projeto da Alemanha, Turquia e França. Em 2015, o dicionário já contava com a participação de vinte e cinco países (NUNES, 2018, p. 171).

O Spreadthesign está acessível em línguas de sinais de vários países. O intuito inicial do projeto foi melhorar as habilidades linguísticas dos estudantes, quando se deslocam ao exterior para a prática de trabalho. Entre 2012 e 2015 foram inseridos novos conteúdos no banco de palavras (15.000 sinais/palavras por idioma).

Figura 4 - Spreadthesign



Fonte: www.spreadthesign.com

O projeto busca ampliar novas parcerias com países e patrocinadores. Cada país colaborador tem uma equipe que se responsabiliza pelas informações sobre sua língua de sinais. Essas equipes podem ser facilmente contatadas para comentários e sugestões. Segundo Nunes (2018), em entrevista com Thomas Lydell-Olsen, professor sueco coordenador do projeto, em 2017, a Dra. Lodenir Becker Karnopp

(Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS) realizava como colaboradora²⁰ contribuições relacionadas à Libras. O Spread the sign disponibiliza vídeo com a reprodução do sinal, áudio e escrita da palavra usada na língua oficial de cada país. A consulta das línguas de sinais disponibilizadas é realizada por meio da seleção da bandeira de cada país. Nessa seleção, em alguns casos, há breve definição do significado do sinal selecionado.

Na próxima seção, abordaremos propostas de tradutores eletrônicos a fim de contextualizar e ampliar o estudo de ferramentas de registro de sinais da Libras.

3.2 TRADUTORES ELETRÔNICOS

Nesta seção, apresentamos propostas de tradutores eletrônicos que têm sido veiculados em sites e/ou aplicativos no território nacional. Dentre eles, destacamos os seguintes: Vlibras; Hand Talk; e ProDeaf.

VLibras

A suíte VLibras é um conjunto de ferramentas gratuitas e de código aberto que traduz conteúdos digitais (texto, áudio e vídeo) em Língua Portuguesa para Libras, tornando computadores, celulares e plataformas Web mais acessíveis para as pessoas surdas.²¹

²⁰ Para essa inclusão dos sinais da Libras, a Profa. Dra. Tanya Felipe repassou seu banco de dados do Dicionário da Libras, disponível no site do INES porque, por questões burocráticas no INES, ela não conseguiu inserir seus dados do Dicionário da Libras, após contato com a equipe do Spread the sign; por isso, ela repassou a sua pesquisa para a UFF que repassou para a UFRGS.

²¹ Para a revisão dos sinais e verificação de regras gramaticais, a Prof. Dra. Tanya Felipe (INES, elaborou um projeto de pós-doutorado, através de bolsa de pesquisa do CNPq, vinculada à UFPB, que também oferecida para dois bolsistas do INES de seu núcleo de Pesquisa - NEPLIBRAS, em que pude também participar, durante meu período de Mestrado, quando revisou o registro de frases apresentadas como resultado da pesquisa para a elaboração de regras que deveriam ser inseridas no sistema do VLibras com relação à gramaticalidade das frases geradas. Atualmente, a inserção de dados está sendo realizada através de trabalho voluntário, gerenciado pelo Governo Federal.

Figura 5 - VLibras



Fonte: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/vlibras>

O Vlibras é o resultado de uma parceria entre o Ministério da Economia (ME), por meio da Secretaria de Governo Digital (SGD), e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), através do Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital (LAVID), segundo Nobrega (2016).

O VLibras é um software para tradução, portanto não substitui um intérprete humano. A função dessa ferramenta é promover o mínimo de acessibilidade em locais onde a presença do intérprete não for possível. No entanto, é necessário o mínimo de letramento digital e disponibilidade de dados móveis para utilizar esse tradutor eletrônico. Essa ferramenta possui os seguintes recursos: (a) links para uso em Navegadores e Computadores; (b) necessidade de cadastro no sistema Gov.br (Ministério da Economia) para conseguir ter acesso; (c) textos interpretados com vocábulos sem sinal apresentados por datilologia; forma de acessibilidade, desconsiderando as competências linguísticas dos surdos brasileiros, visto que é necessário que o indivíduo domine a língua portuguesa para compreender e também precisa ter competências digitais para acessar, baixar e usar a ferramenta em diversos suportes - celulares, tablets, computadores, etc.

Há uma plataforma colaborativa do VLIBRAS chamada Wikilibras, cuja finalidade é adicionar e corrigir sinais em Libras, verificar se a tradução está adequada, entre outras atividades que podem ser realizadas apenas por consulentes que tenham alguma expertise nas áreas de tradução e de linguística.

Figura 6 - Wikilibras



Fonte: https://wiki.vlibras.gov.br/?_ga=2.233728798.1864853773.163630881341625168.1636308887 87-

Essa ferramenta tem as seguintes características: aceita sugestões de sinais que passam por análise; possui transparências nas estatísticas; apresenta equipe composta por linguistas, animadores, especialistas e colaboradores voluntários; não é um glossário terminológico, é um dicionário com buscas em língua portuguesa

ProDeaf

Segundo Corrêa et col (2018), o ProDeaf Móvel é uma ferramenta digital gratuita, oriunda de pesquisas conduzidas no nordeste do Brasil, em que há a possibilidade de “traduzir da Língua Portuguesa, escrita ou falada, palavras, frases ou pequenos parágrafos para Libras, por meio de um agente animado virtual em 3D” (CORRÊA, 2018, p. 4).

Figura 7 - ProDeaf



Fonte: <https://geekblog.com.br/prodeaf-e-o-melhor-tradutor-de-libras-para-o-seu-windows-phone/>

Destacamos que em relação à sua funcionalidade, o ProDeaf22 é semelhante ao Hand Talk porque o processo de tradução ocorre de forma simultânea através do envio das sentenças de forma escrita ou por comando de voz. A atualização dos sinais ocorre por meio colaborativo pelo WikiLibras, que recebe sugestão de inserção de sinais. A equipe de integrantes do projeto avalia as sugestões para validarem a inserção dos sinais no aplicativo, contribuindo com que o recurso respeite os parâmetros linguísticos e gramaticais da Libras.

Assim, tanto o ProDeaf quanto o HandTalk, contribuem para a difusão e democratização do acesso a Libras, apesar de suas limitações em processos de tradução, como por exemplo, a tradução de sentidos metafóricos da linguagem.

Hand Talk

Para Corrêa et col (2018) o aplicativo Hand Talk também é uma ferramenta digital gratuita que permite a tradução da Língua Portuguesa, escrita ou falada, palavras, frases ou pequenos parágrafos para Libras, por meio de um avatar em 3D. Corrêa et col (2018) destaca que o aplicativo é compatível com a maioria dos sistemas operacionais de smartphones e tablets, atualmente, disponíveis, sendo possível o uso

²² A prof. Tanya Amara Felipe também prestou assessoria para a equipe desse tradutor, quando analisava a produção de frases pelo avatar e introduzia as regras gramaticais da Libras, quando a frase gerada estava agramatical.

também em computadores. O aplicativo pode funcionar parcialmente em conexão à Internet e conta com dois avatares nomeados de tradutores virtuais, Hugo e Maya.

Esse recurso digital foi desenvolvido por Ronaldo Tenório, Thadeu Luiz e Carlos Wanderlan na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e foi premiado como melhor aplicativo social do mundo, no evento da Organização das Nações Unidas intitulado “World Summit Award”.

Figura 8 - Hand Talk



Fonte: https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.handtalk&hl=pt_BR&gl=US&pli=1

Atualmente, a empresa afirma ser a maior plataforma de tradução automática para Línguas de Sinais do mundo, rompendo barreiras de comunicação entre pessoas surdas e ouvintes por meio de tecnologia. Em 2018, a empresa realizou a aquisição do ProDeaf, recurso digital concorrente.

Figura 9 - HandTalk e ProDeaf

Linha do Tempo



Fonte: <https://www.handtalk.me/br/sobre/>

Atualmente, o aplicativo disponibiliza alguns glossários e o site também dispõe de e-books e kits de materiais online com orientações a respeito de acessibilidade digital para diferentes espaços, tais como em escolas, empresas, museus e demais espaços públicos.

Todos esses aplicativos pesquisados propiciaram reflexões sobre a importância desse tipo de pesquisa e a necessidade de investimentos para a sua realização.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA DA CRIAÇÃO DE SINAIS TERMINOLÓGICOS

Neste capítulo do trabalho, primeiramente, descrevemos nossa pesquisa de acordo com os princípios de metodologia científica. Em seguida, apresentamos o percurso metodológico realizado para produzir este estudo acadêmico.

Segundo estudos sobre metodologia científica de Bortoni (2008), as pesquisas realizadas no meio acadêmico são de cunho social e têm sua origem baseada em dois paradigmas: o positivista (de caráter quantitativo) e o interpretativista (com caráter qualitativo). Optamos por uma abordagem qualitativa, porque assim, como Bortoni (2018), defendemos que o professor pode associar sua prática diária com o exercício da pesquisa e essa “nova identidade” do professor ou profissional da educação o promove como mediador.

Segundo Bortoni (2018, p.34), “a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. Esse contexto pode ser a sala de aula, por exemplo, que irá se transformar num laboratório.

Quanto à natureza, esta é uma pesquisa cujo objetivo é gerar reflexão a respeito da escassa terminologia existente em Libras em áreas específicas, o que afeta diretamente os discentes surdos impedidos de obterem a compreensão de textos acadêmicos em sua língua preferencial, devido ao fato de não possuírem terminologia por áreas de conhecimento, como também os docentes e os intérpretes que não podem utilizar as terminologias, em Libras, utilizadas nas áreas.

Para essa pesquisa, os sinais-termo coletados foram analisados de acordo com os seguintes procedimentos metodológicos: (i) descrição da criação do sinal-termo; (ii) descrição conceitual; (iii) apresentação do sinal-termo em Libras por imagem acompanhado de QRCode disponível para visualização da sinalização em vídeo.

A etapa (i) refere-se ao procedimento realizado para a criação de todos os sinais, já as etapas (ii) e (iii) são específicas de cada sinal-termo. Os seguintes sinais-termo serão analisados: 1. Educação Bilíngue de Submersão; 2. Educação Bilíngue de Submersão com classe de língua separada; 3. Educação Bilíngue Ensino

Segregacionista; 4. Educação Bilíngue Transitória; 5. Educação regular com ensino de uma língua estrangeira; 6. Educação Separatista; 7. Educação Bilíngue por imersão; 8. Manutenção e Educação Bilíngue em língua patrimonial; 9. Educação Bilíngue de direção dupla em duas línguas; 10. Educação Bilíngue geral.

A primeira etapa consistiu em ler o artigo Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas (FELIPE, 2007) e identificar os conceitos relacionados à Educação Bilíngue. Foram organizadas reuniões dos discentes, surdos e ouvintes, com a professora da disciplina autora do artigo para identificar quais dos conceitos destacados deveriam ser criados os sinais em Libras.

A partir do estudo do texto, foram selecionados dez conceitos do artigo Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas (FELIPE, 2007), que foram analisados por um dos três grupos de pesquisa do Mestrado Profissional do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), composto por discentes surdos e ouvintes, que cursavam a disciplina obrigatória Educação Bilíngue, com o objetivo de criarem os sinais-termo em Libras para as terminologias que não havia sinais-termo em Libras.

A terceira foi a pesquisa destes sinais-termo em várias plataformas, dicionários e canais digitais. Diante da escassa terminologia em Libras, iniciamos a pesquisa de forma clássica nos dicionários impressos disponíveis no mercado editorial. Entretanto, a pandemia dificultou o acesso às bibliotecas e, por isso, os grupos se organizaram para buscar materiais pertencentes a alunos. A partir desse momento, algumas dificuldades metodológicas foram encontradas devido à grande quantidade de iniciativas oferecidas por alunos, profissionais, blogueiros, youtubers, instituições privadas e governamentais.

Vale ressaltar que a pesquisa foi realizada no período crítico da pandemia, por isso alguns discentes tiveram dificuldades para encontrar glossários disponíveis ou acessíveis em Libras. Uma busca²³ mais apurada em bancos de dissertações e teses foi realizada, porém percebemos que muitos desses glossários terminológicos ficam

²³ FARIA-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica. Tese de doutorado. Brasília: UnB/ LIP. 2009. <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/65313>

arquivados em bibliotecas das instituições, sem uma distribuição e/ou divulgação nos meios digitais, tornando o acesso difícil pelo discente.

Após esse momento, na quarta etapa, formaram-se alguns subgrupos de pesquisa para a discussão dos conceitos e criação dos sinais. Num quinto momento, esses subgrupos se encontraram para discutir e validar entre os pares, discentes surdos e ouvintes, os sinais criados nos encontros on-line da prof. Tanya Amara Felipe. Nessa etapa, muitos dos sinais sofreram ajustes na configuração e/ou alterações para que se adequassem aos conceitos estabelecidos no artigo acadêmico.

É importante ressaltar que os estudos I e II utilizaram a mesma metodologia para a criação dos sinais-termo, entretanto após o término do semestre, durante a escrita da dissertação, foi encontrado um link que disponibiliza a tradução dos mesmos sinais-termo usado como corpus dessa dissertação. Porém, não há registros da metodologia utilizada para a criação dos sinais-termo, por isso, para fins acadêmicos designaremos como tradução livre produzida para a disciplina Educação Bilíngue II, que trabalhou com o artigo da Profa. Tanya Felipe, ministrada pela Prof. Dra. Cristiane Taveira no curso Online de Pedagogia do INES, em 2021, através de seu GP 24.

²⁴ Vídeo disponível em <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/handle/123456789/932>, acesso 22 de junho de 2023, às 00h14min.

CAPÍTULO 5

CRIAÇÃO DE SINAIS-TERMO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Nesta parte, será apresentado e analisado o trabalho produzido por três grupos de estudo. O primeiro, nomeado aqui como GP1, foi produzido pelo Grupo de Pesquisa composto por alunos do Mestrado Profissional em Educação Bilíngue do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), apresentado na disciplina obrigatória Educação Bilíngue para Surdos da primeira turma (2020). Entretanto, serão apresentados o processo e as etapas da criação de todos os grupos de pesquisa da disciplina a fim de tornar público os critérios utilizados. Apresentaremos, a fim de complementar a análise, a pesquisa e criação dos mesmos conceitos produzidos por outro grupo de pesquisa, a saber, a segunda turma de Mestrado (2022) da mesma instituição, nomeados nesta pesquisa como GP2. E, por fim, apresentaremos a tradução livre dos mesmos conceitos produzida por um aluno de pós-graduação da mesma instituição, orientado por professores do Departamento de Ensino Superior, intitulado nesta dissertação como GP3.

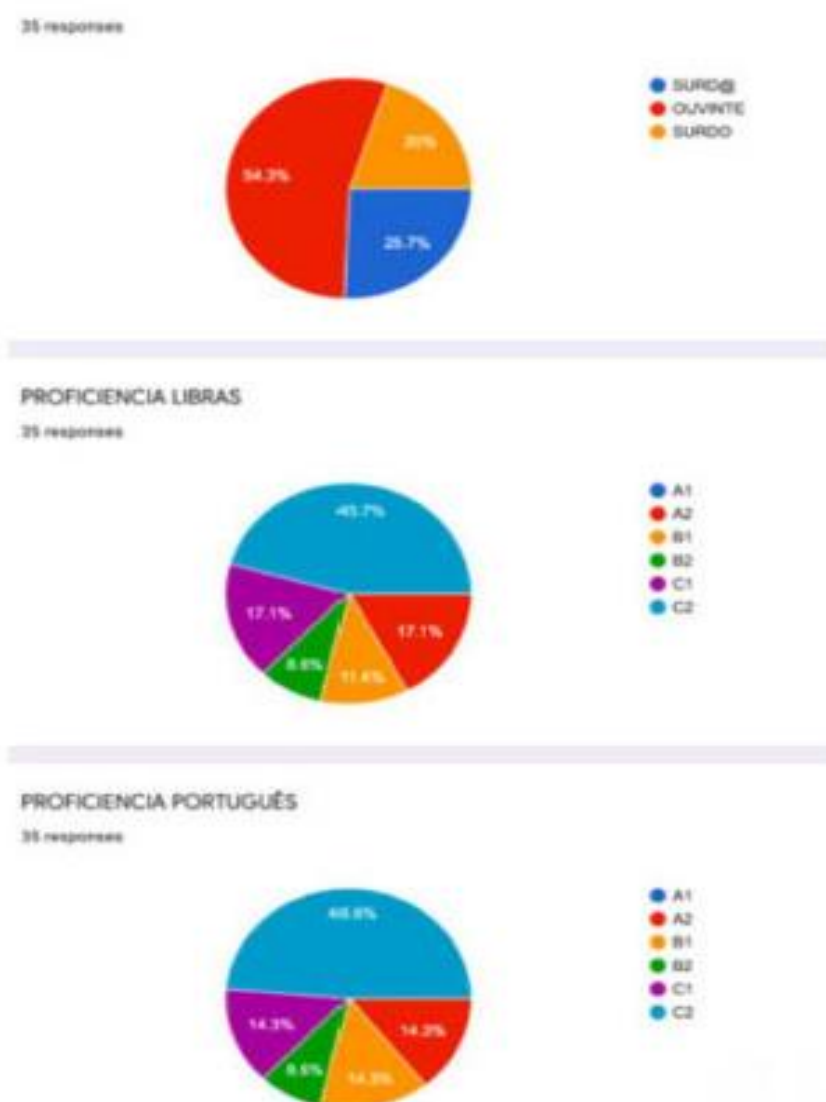
A turma, composta por discentes surdos e ouvintes, foi dividida em grupos de acordo com o Desempenho Linguístico de cada aluno. A metodologia para identificar o desempenho foi elaborada pela professora da disciplina, Tanya Amara Felipe, que utilizou uma pesquisa de autoavaliação nas duas línguas utilizadas em sala de aula. Cada discente deveria marcar opções que coadunassem com o seu nível de proficiência na Língua Brasileira de Sinais e na Língua Portuguesa.

A partir da especificação de cada nível de proficiência, os discentes marcaram na tabela seu desempenho linguístico em sua primeira língua (L1) e em sua segunda língua (L2) ou língua adicional, independentemente de ser surdo ou ouvinte.

Concluída essa etapa, a professora analisou o resultado da tabela preenchida pelos discentes e dividiu a turma em três grupos de trabalho nos quais foram agrupados a partir de um equilíbrio dos desempenhos para que os menos proficientes em uma língua pudessem ter o apoio dos mais proficientes, promovendo o direito à acessibilidade de forma justa e produtiva nas duas línguas.

Os objetivos da organização de três grupos, com proficiências linguísticas diferenciadas nas duas línguas, Libras e Língua Portuguesa, foram: 1. Facilitar a comunicação entre os membros de cada grupo onde haveria usuários das duas línguas com níveis de proficiência diferenciados (A1, A2, B1, B2, C1 e C2), sendo alguns ouvintes também intérpretes de Libras; 2. Obter resultados satisfatórios nas pesquisas e na criação dos novos sinais termos dos artigos a serem estudados.

Figura 10 – Gráfico de Proficiência dos alunos (turma 2020)



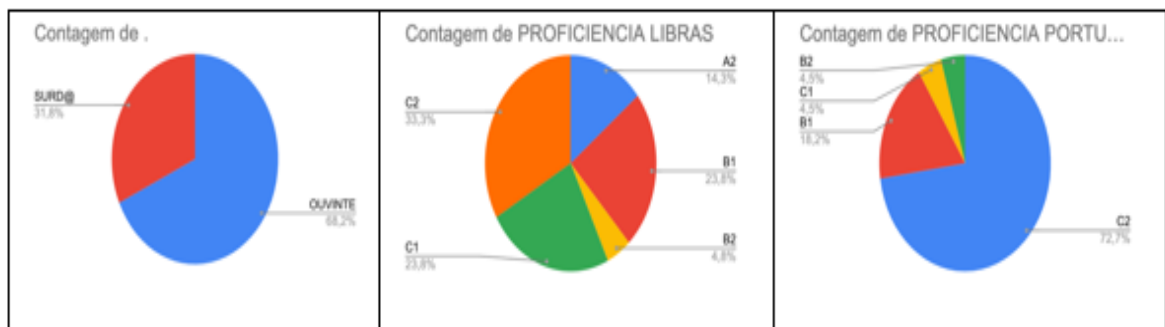
Fonte: arquivo pessoal Prof. Tanya Amara Felipe

Figura 11 - Dados da Proficiência em Libras Língua Portuguesa (turma 2020)

	PROFICIENCIA LIBRAS	PROFICIENCIA PORTUGUÊS
SURD@	C2	C1
OUVINTE	A2	C2
OUVINTE	B1	C2
OUVINTE	A2	C2
OUVINTE	C1	C2
OUVINTE	B1	C2
SURD@	C2	B1
SURD@	C2	B1
SURD@	C2	C1
OUVINTE	B1	C1
SURD@	C2	B1
OUVINTE	B2	C2
SURD@	C1	A2
SURD@	C2	B2
OUVINTE	C1	C2
SURD@	C2	A2
OUVINTE	A2	C2
OUVINTE	C2	C2
OUVINTE	A2	C2
SURD@	C2	B1
SURD@	C2	C2
OUVINTE	C2	C2
OUVINTE	C1	C2
OUVINTE	B1	C2
OUVINTE	C2	C2
OUVINTE	C2	C2
OUVINTE	B2	C2
SURD@	C2	A2
OUVINTE	A2	B2
OUVINTE	B1	C1
OUVINTE	B2	C2

Fonte: arquivo pessoal Prof. Tanya Amara Felipe

Figura 12 – Gráfico de Proficiência dos alunos (turma 2022)



Fonte: arquivo pessoal Prof. Tanya Amara Felipe

Tabela 4 - Dados da Proficiência em Libras Língua Portuguesa (turma 2022)

DISCENTES	PROF.LIBRAS	PROF. PORTUGUÊS
OUVINTE	A1	C2
OUVINTE	A2	C2
OUVINTE	A2	C2
OUVINTE	A2	C2
OUVINTE	B1	C2
OUVINTE	B1	C2
OUVINTE	B1	C2
OUVINTE	B1	C2
OUVINTE	B1	C2
OUVINTE	B2	C2
OUVINTE	C1	C2
OUVINTE	C1	C2
OUVINTE	C1	C2
OUVINTE	C1	C2
OUVINTE	C1	C2
SURD@	C2	B1
SURD@	C2	C1
SURD@	C2	B1
SURD@	C2	B1
SURD@	C2	B2
SURD@	C2	C2
SURD@	C2	B1

Fonte: arquivo pessoal Prof. Tanya Amara Felipe

Os artigos estudados são de autoria de Felipe (2006, 2012, 2018), a saber, “Políticas Linguísticas para inserção de Libras na Educação de Surdos”, “Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas” e “Diferentes

Políticas e Diferentes Contextos Educacionais: Educação Bilíngue para educandos surdos x educação inclusiva”.

O desenvolvimento do trabalho tinha como proposta inicial agregar discentes e intérpretes do DESU na pesquisa e na criação dos sinais, que seriam usados durante toda a disciplina; entretanto, a pesquisa se transformou no trabalho final, orientado pela professora, e executado pelos alunos surdos e ouvintes de cada grupo. As etapas do desenvolvimento foram semelhantes em cada grupo, são elas: 1. Leitura e análise do artigo, 2. Identificação dos conceitos teóricos, 3. Pesquisa para a verificação da existência de sinais já produzidos em território brasileiro e/ou estrangeiro, 4. Discussão com o grupo sobre os conceitos para obtenção de um sinal adequado e 5. Criação de um glossário com os sinais termo para cada artigo.

O GT-II se responsabilizou pelo artigo “Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas”, um artigo descritivo com muitos termos teóricos sobre as práticas bilíngues adotadas por vários países. Houve algumas reuniões virtuais, entretanto as gravações em vídeos dos sinais criados foram produzidos individualmente para facilitar a conclusão do trabalho final. Foram encontrados nesse artigo dez conceitos teóricos relacionados à Educação Bilíngue e mais 17 conceitos relacionados a outras áreas de conhecimento.

Além desses artigos, os tradutores-intérpretes do DESU, receberam os textos e os resumos expandidos em português dos artigos, elaborado pelo discente Leonardo Ribeiro de Barros, cuja dissertação²⁵ foi sobre elaboração de resumo expandido em Libras. Desse modo, um dos pilares acadêmicos de extensão seria contemplado na forma colaborativa com os intérpretes da instituição, auxiliando na compreensão dos textos escritos que seriam trabalhados na sala de aula pela professora.

²⁵ BARROS, L. R. Produção Acadêmica: Resumo Expandido em Libras. Dissertação. Mestrado Profissional em Educação Bilíngue. INES. DESU - Março /2023.

Os dados dessa pesquisa, executada pelos discentes surdos e ouvintes de cada grupo, se tornou objeto de pesquisa para esta dissertação com o apoio da professora da disciplina e orientadora.

As etapas do desenvolvimento foram semelhantes em cada grupo, são elas:

Leitura e análise do artigo;

Identificação dos conceitos teóricos;

Pesquisa para a verificação da existência ou não de sinais já produzidos em território brasileiro e/ou estrangeiro, utilizando outra língua de sinais;

Discussão com o grupo sobre os conceitos para a criação de sinais que fariam parte da terminologia existente no artigo.

5.1 Discussão e criação de um glossário com os sinais-termo para cada artigo

Ressaltamos que o objetivo principal da pesquisa foi refletir sobre a dificuldade dos discentes surdos para a compreensão textual de textos acadêmicos em língua portuguesa, devido à escassez de sinais-termo por áreas de conhecimento.

Alguns conceitos foram caracterizados como terminológicos, uma percepção espontânea de qualquer indivíduo em sua segunda língua. Esse fato produziu uma boa discussão nas reuniões, promovendo uma troca e interação entre os integrantes, surdos e ouvintes.

A pesquisa parcial desta dissertação de Mestrado foi apresentada em dois eventos acadêmicos no ano de 2021, a saber: Congresso²⁶ Internacional do INES e o I Colóquio de Pesquisas do Ling Cognit (Ensino, Linguística, Tradução, Interpretação das Línguas de Sinais), em formato online à distância em território nacional para se adequar ao momento pandêmico.

²⁶ O trabalho apresentado pela mestrandia faz parte das pesquisas desenvolvidas pelo NEPLIBRAS-INES DDHCT-DESU-DEBASI.

A apresentação intitulada “Criação de Sinais-termo na área da Educação Bilíngue” teve como resultado a publicação do resumo em língua portuguesa nos Anais do Colóquio e do COINES27.

5. Análise dos sinais-termo investigados

Nesta seção, descrevemos o processo de criação dos sinais-termo pesquisados e, em seguida, apresentamos os conceitos e a sinalização com imagem e QRCode, de cada um dos dez sinais investigados.

Tabela 5 – Tabela de sinais-termo sobre Educação Bilíngue

CONCEITOS	PESQUISA 1 (GP1)	PESQUISA 2 (GP2)	PESQUISA 3 (GP3)
<i>Educação Bilíngue de Submersão</i>			
<i>Educação Bilíngue de Submersão com classe de língua separada</i>			
<i>Educação Bilíngue Ensino Segregacionista</i>			

²⁷ Disponível em <https://www.gov.br/ines/pt-br/ciencia-e-tecnologia/coines/coines-2021/comunicacoes/traducao-e-interpretacao-de-libras-portugues>

<i>Educação Bilíngue Transitória</i>			
<i>Educação Regular com ensino de uma língua estrangeira</i>			
<i>Educação Separatista</i>			
<i>Educação Bilíngue por Imersão</i>			
<i>Manutenção e Educação Bilíngue em língua patrimonial</i>			
<i>Educação Bilíngue de direção dupla em duas línguas</i>			
<i>Educação Bilíngue Geral</i>			

Fonte: autora

1) Educação Bilíngue de Submersão

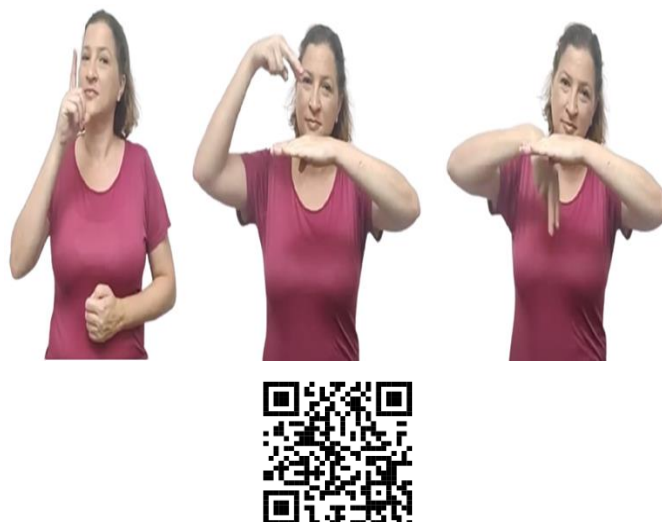
Trata-se de uma proposta denominada imersão estruturada cujos objetivos são a assimilação da cultura dominante e o monolinguismo. Essa modalidade acontece nos Estados Unidos, na qual a organização das salas de aula inclui alunos de minorias linguísticas com alunos da língua majoritária, porém nem alunos nem professores utilizam a língua minoritária.

Figura 13 - Educação Bilíngue de Submersão (GP1)



Fonte: <https://youtu.be/zml3f5lxiic>

Figura 14 - Educação Bilíngue de Submersão (GP3)



Fonte: <https://youtu.be/f0sn7sGGyp4>

A língua de instrução dessa proposta é a língua majoritária, o que gera estresse e baixa autoestima dos alunos que têm como língua materna a língua minoritária. A consequência desse tipo de proposta são alunos desinteressados e com pouco rendimento, o que pode ocasionar grande evasão escolar.

Vale ressaltar que essa proposta tem sido utilizada na educação de surdos em escolas regulares. Os alunos surdos são inseridos nas classes, porém nem professor nem colegas utilizam a Libras para se comunicar, o que gera um isolamento e prejudica o aprendizado desse aluno, que em muitos locais nem conta com a presença de um intérprete.

2) Educação Bilíngue de Submersão com classe de língua separada

Trata-se de uma proposta similar à anterior: os alunos participam da mesma classe, porém há uma divisão da turma na disciplina de línguas. A separação dos alunos em língua minoritária e língua majoritária pode ter um efeito negativo porque os alunos que saem da sala são considerados inferiorizados, que têm alguma limitação no desempenho linguístico.

Figura 15 - Educação Bilíngue de Submersão com classe de língua separada (GP1)



Fonte: <https://youtu.be/TIUz8QMH9Ko>

Figura 16 - Educação Bilíngue de Submersão com classe de língua separada (GP3)



Fonte: <https://youtu.be/kFpjLXmZwtU>

3) Educação Bilíngue Ensino Segregacionista

É um tipo de ensino no qual usa-se exclusivamente a língua minoritária na escola. O objetivo é manter o isolamento das crianças, visto que elas não aprenderão a língua dominante da elite. Mantendo uma geração subordinada, excluindo-as de decisões políticas e do poder.

Figura 17- Educação Bilíngue Ensino Segregacionista (GP1)



Fonte: <https://youtu.be/4r8CjLpt19M>

Figura 18 - Educação Bilíngue Ensino Segregacionista (GP2)



Fonte: <https://youtu.be/ERiJKqb5x3c>

Figura 19 - Educação Bilíngue Ensino Segregacionista (GP3)



Fonte: <https://youtu.be/6v3bAbhRvJ0>

4) Educação Bilíngue Transitória

Tem por objetivo o monolinguismo. A escola utiliza a língua materna até a criança conseguir usar apenas a língua majoritária. Há dois tipos: Educação bilíngue transitória de saída cedo (utilização da língua materna até o 2º ano do Ensino

Fundamental) e a Educação bilíngue transitória de saída tardia (uso de 40% da língua materna do 1º até o 6º ano do Ensino Fundamental).

Figura 20 - Educação Bilíngue Transitória (GP1)



Fonte: <https://youtu.be/9Pe5sjuPVDw>

Figura 21 - Educação Bilíngue Transitória (GP2)



Fonte: <https://youtu.be/5xa2oN0-igU>

Figura 22 - Educação Bilíngue Transitória (GP3)



Fonte: <https://youtu.be/Wpy9PNn4haY>

Essa proposta tem uma abordagem assimilacionista e também visa o monolinguismo dos alunos de minoria linguística.

O tipo de ensino bilíngue transitório pode organizar-se de formas diferentes, porém há uma linha central de processos. Esses processos são iniciar o ensino às crianças em sua língua minoritária até um determinado ano/série e num segundo momento fazer a transição para a instrução em língua majoritária.

Apesar da maioria dos professores não serem bilíngues, algumas escolas optam por contratar professores membros da minoria linguística uma vez que estes podem preservar a língua e cultura minoritária.

Algumas escolas no Brasil utilizam dessa abordagem na educação infantil de alunos surdos. Algumas escolas utilizam a Libras como língua de instrução e a língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua. Há monitores, professores ou instrutores surdos que auxiliam o professor regente. O resultado pode não ser tão satisfatório, porque o bilinguismo fica incipiente.

5) Educação regular com ensino de uma língua estrangeira

Nessa proposta a língua majoritária é ensinada com o objetivo de os alunos aprenderem uma segunda língua.

Figura 23 - Educação Regular com Ensino de uma Língua Estrangeira (GP1)



Fonte: <https://youtu.be/84Aeb3Vnx7I>

Figura 24 - Educação Regular com Ensino de uma Língua Estrangeira (GP3)



Fonte: https://youtu.be/_1eXw3IJLGw

As aulas podem ser diárias ou não, dependendo do país, mas o tempo de aula é curto, equivalente a uma disciplina. Chama-se "alimentação por gotejo" esse tipo de ensino. Diferente da educação bilíngue cuja língua de instrução seria a segunda

língua, nessa proposta, as disciplinas são ministradas na língua majoritária. No Brasil, havia na educação regular o ensino das línguas francesa e inglesa. Essa alternância com o tempo se extinguiu, dando espaço para o ensino somente da língua inglesa e posteriormente ao ensino da língua espanhola por conta da proximidade com o Mercosul. E, atualmente, apesar de estarmos na América Latina, maioria falante da língua espanhola, o sistema educacional retirou a língua espanhola da matriz curricular obrigatória²⁸.

Em algumas escolas do sul do país, algumas línguas de comunidades linguísticas de imigrantes europeus são ensinadas em sala de aula, como disciplina.

6) Educação Separatista

Tem como objetivo um monolinguismo em língua minoritária, por razões diversas, a saber, religiosa, políticas ou culturais. Essa proposta de ensino pode ser uma escolha de uma minoria linguística para preservar sua sobrevivência e autoproteção, rejeitando um pluralismo e optando pelo separatismo.

Figura 25 - Educação Separatista (GP1)



Fonte: <https://youtu.be/N1ZiBQGQH8g>

²⁸ Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino (BRASIL, 2017).

Figura 26 - Educação Separatista (GP2)



Fonte: <https://youtu.be/sYQyhAJrZyk>

Figura 27 - Educação Separatista (GP3)



Fonte: https://youtu.be/y_dy5skr9Oc

7) Educação bilíngue por imersão

É um modelo de educação que visa ensinar duas línguas oficiais; incentivar o bilinguismo precoce; as crianças usam no ambiente escolar duas línguas majoritárias. Essa proposta surgiu em países de classe média anglo-saxônicos. No Canadá, por exemplo, pais queriam que seus filhos se tornassem bilíngues e biculturais, sem prejuízo no rendimento escolar.

Dessa maneira, a proposta se fortaleceu em países que adotam duas ou mais línguas oficiais e majoritárias, utilizadas por diferentes falantes de acordo com a descendência ou localidade de residência.

Figura 28 - Educação Bilíngue por imersão (GP1)



Fonte: <https://youtu.be/skaXLLOZ65g>

Figura 29 - Educação Bilíngue por imersão (GP2)



Fonte: <https://youtu.be/nKCTDv8Wd1E>

Figura 30 - Educação Bilíngue por imersão (GP3)



Fonte: <https://youtu.be/OdTw0wUtJsA>

Esse modelo adota diferentes fases da vida da criança para a imersão ao aprendizado da língua, a saber, imersão precoce - na pré-escola; imersão média - dos nove aos dez anos; e imersão tardia - no ensino secundário. O tempo de imersão também pode variar de 100% nos primeiros anos a 50% no ensino primário como segunda língua.

08) Manutenção e educação bilíngue em língua patrimonial

É um modelo de bilinguismo pleno. Adota-se a língua minoritária como língua de instrução e a língua majoritária como segunda língua ou como língua de instrução em algumas disciplinas.

Figura 31 - Manutenção e educação bilíngue em língua patrimonial (GP1)



Fonte: <https://youtu.be/AWzOFgAzJSM>

Figura 32- Manutenção e educação bilíngue em língua patrimonial (GP2)



Fonte: <https://youtu.be/ZYEwKuiMsS4>

Figura 33 - Manutenção e educação bilíngue em língua patrimonial (GP3)



Fonte: <https://youtu.be/KT7FJ5TZ5EY>

As escolas que promovem esse tipo de bilinguismo têm como objetivo o fortalecimento da formação de identidade dos alunos de minorias linguísticas. Apesar dessa proteção à língua minoritária, busca-se também desenvolver conjuntamente o conteúdo em língua majoritária para atender aos alunos cuja língua é majoritária.

Contudo há diferentes abordagens desse modelo pelo mundo. Nos Estados Unidos, esse modelo é chamado de Educação Bilíngue de Manutenção ou Educação Bilíngue de Manutenção Evolutiva.

No Canadá, há uma distinção entre classe de Língua Patrimonial e Educação Bilíngue em Língua Patrimonial. Nas classes de Língua Patrimonial são ofertadas mais de 60 línguas e, aproximadamente, duas horas e meia de aulas regulares. No outro modelo de classe adota-se a língua patrimonial como língua de instrução na metade do dia escolar.

Portanto, a maioria das escolas de língua patrimonial são escolas para educação infantil e ensino fundamental.

9) Educação Bilíngue de direção dupla em duas línguas

O modelo tem como característica principal a paridade no número de alunos que utilizam uma língua majoritária e minoritária.

Essa abordagem acontece, geralmente, em escolas de educação infantil e fundamental e as duas línguas são utilizadas equitativamente e separadamente como língua de instrução. Os alunos trabalham juntos porque as duas línguas podem ser línguas de instrução, que promovem a cooperação mútua e a amizade entre alunos e professores ajudando no rendimento escolar.

Figura 34 - Educação Bilíngue de direção dupla em duas línguas (GP1)



Fonte: <https://youtu.be/N327hEhEn6o>

Figura 35 - Educação Bilíngue de direção dupla em duas línguas (GP2)



Fonte: <https://youtu.be/msoeIUvpCSo>

Figura 36 - Educação Bilíngue de direção dupla em duas línguas (GP3)



Fonte: <https://youtu.be/GQdFpxsMjoo>

Mesmo sendo possível utilizar as duas línguas separadamente ou em dias alternados, o uso das mesmas acontece em todas as áreas e também são ensinadas enquanto línguas distintas.

Tanto professores quanto os alunos são bilíngues. Se não há professor bilíngue presente, dois professores, fluentes nas línguas distintas, trabalham conjuntamente na mesma sala de aula.

Por isso, os objetivos dessa escola bilíngue são o bilinguismo pleno e o fortalecimento cultural.

10) Educação Bilíngue geral

É um modelo de bilinguismo na educação formal em que duas ou mais línguas podem ser utilizadas como língua de instrução. Geralmente, uma língua majoritária e outra língua estrangeira.

Figura 37 - Educação Bilíngue Geral (GP1)



Fonte: <https://youtu.be/eXpOdC0gMNc>

Figura 38 - Educação Bilíngue Geral (GP3)



Fonte: <https://youtu.be/M-rg8Gt4Xpk>

Esse tipo de escola pode ser encontrada na Ásia, África e Índia, além da Europa, onde duas ou mais línguas majoritárias podem ser trabalhadas conjuntamente como língua de instrução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se, nesta pesquisa, apresentar a importância da criação de terminologias específicas por área de conhecimento e apontar alguns caminhos metodológicos dos processos de criação.

O corpus apresentado para a análise foi composto por grupos diversos, que não tiveram contato um com o outro, o que o torna interessante do ponto de vista analítico porque imprime uma isenção ou a ausência de influência nos resultados obtidos.

Diante da complexa e variada linha de análise, optou-se pelo arcabouço teórico da Terminologia e Lexicologia porque possibilitam a compreensão dos processos e fenômenos linguísticos para a criação de terminologias.

O conhecimento desses processos contribui para profissionais ligados à comunidade surda, a saber, professores, instrutores e intérpretes, quando se deparam com situações nas quais não há um sinal específico para determinados conceitos. Mesmo, entendendo que a tradução não é um processo simples e muito menos aleatório, é necessário um tempo de reflexão para a elaboração de estratégias interpretativas. Tempo este praticamente inexistente quando se trata de traduções ou interpretações simultâneas.

Portanto, a criação de sinais-termo facilitará esses processos tradutórios, agilizando a interpretação e ampliando os sinais terminológicos da Libras.

Pode-se perceber que os sinais-termo criados pelo grupo de estudo da turma 2020 (GP1) fez o uso de termos técnicos ou expressões usadas para esse campo específico de conhecimento que não havia sinais. Estas listas de sinais ou expressões criadas podem, ou não, ser formalmente adotadas ou sancionadas para o uso porque poderão ser aceitos ou substituídos por mais de uma configuração, movimento e orientação, o que proporcionou sinais-termo maiores do que os produzidos pelo grupo de estudo da turma 2022 (GP2).

Os grupos de estudo I (GP1) e II (GP2) utilizaram a mesma metodologia para a criação dos sinais, o que não podemos afirmar em relação ao aluno que produziu o

vídeo em Libras do artigo, no qual os sinais-termos foram criados (GP3). O que percebemos na tradução dos sinais foi o uso majoritariamente de no máximo dois sinais na composição de cada expressão terminológica.

Essa pesquisa apresentou os processos de criação de sinais-termo, sabendo que o uso determinará quais deles prevalecerão na comunidade surda e comporão o léxico terminológico da Libras ou se um novo sinal simples ou composto será criado.

Portanto, as ações terminológicas descritas neste estudo pertencem a um grande mecanismo tradutório, que envolve professores, intérpretes, mediadores, alunos, instrutores, voluntários, estagiários e bolsistas da comunidade surda.

Uma comunidade singular na qual o trabalho em equipe é a base para uma boa tradução e para um bom aprendizado do discente surdo em todos os níveis do ensino.

No contexto de ensino bilíngue, quando há intérpretes de Língua Portuguesa e Libras, esse profissional precisa ter acesso antecipadamente ao texto ou material a ser ensinado pelo professor para estudar e pesquisar sinais-termos e estratégias para interpretação destinada ao público surdo.

Esse tempo de estudo prévio aliado à parceria com o professor é fundamental para uma boa compreensão do material traduzido simultaneamente ou consecutivamente.

Constatamos que glossários, dicionários e tradutores eletrônicos são instrumentos linguísticos que ajudam a institucionalizar a Libras, principalmente, por essa ser uma língua minoritária sem ter ainda o status de língua nacional ou majoritária no país. E corroboram para que essa língua tenha o mesmo status linguístico que as línguas orais.

Por essa razão, estudos terminológicos que criam instrumentos de uma língua são aliados dos profissionais que atuam em diversos setores da sociedade, a saber, intérpretes, tradutores, professores, pesquisadores, comunicólogos entre outros.

Dessa forma, compreendemos que analisar fenômenos linguísticos possibilita aos profissionais intérpretes de Libras e aos professores de Libras, em instituições de ensino, uma maior agilidade na sinalização, visto que não será necessário o uso de recursos tradutórios devido à ausência de léxico específico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, B. L. *Estudos Terminológicos em Língua de Sinais: Glossário Multilíngue de sinais-termo na área de nutrição e alimentação*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). 2019. 372 f. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ANDRADE, M. *Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais*. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

ANDREIS-WITKOSKI, Silvia. *Problematizando o uso do aplicativo de tradução Hand Talk no ensino da Libras no Ensino Superior*. *Educação, Ciência e Cultura*, v. 25, n. 3, p. 81-89, 2020.

BARROS, L. A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BARROS, M. E. *Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais: A motivação dos Sinaisnomes*. *RE-UNIR, Rondônia*, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.

BIDERMAN, M. T. C. *As ciências do léxico*. Em: A. M. P. P. Oliveira; A. N. Isquierdo (Orgs.), *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia* (pp. 13-22). Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. *Terminologia e lexicografia*. In; revista TradTerm. Volume 07. São Paulo: USP, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147/53230> Acesso em 29 nov. 2021.

BAKER, C. *Bilingual Education and Bilingualism*. 4th.edition. Multilingual Matters, 2006.

BORTONI, S. M. R.. *O Professor Pesquisador: uma introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRAGA, R. *Da produção de documentos terminológicos: algumas questões sobre a microestrutura*. *Anais do GEL*. São Paulo – USP, 2003. <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/cc075.htm>

BRASIL. Lei (1988). *CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988*.

BRASIL. Lei (2002). *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências*. Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002, Brasília, DF.

BRASIL. Decreto (2005). *Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Brasília, DF.

BRASIL. Lei (2017). Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e 11.494, de 20 de junho de 2007, Brasília, DF.

BRASIL, Lei (2021). Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Lei nº 14,191 em 3 de agosto de 2021, Brasília, DF.

CAMARA JÚNIOR, J. M.. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa*. 13ª edição. Petrópolis, Vozes, 1986.

CARDOSO, V.R. *Terminografia da língua brasileira de sinais glossário de nutrição*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade de Brasília. 2017. Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31522/1/2017_VilmaRodriguesCardoso.pdf Acessado em 03 jun 2022.

CASTRO JÚNIOR, G. de. Projeto Varlibras. 259f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CAVALCANTI, M. *Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil*. DELTA, São Paulo, v. 15, n. spe, p. 385-417, 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501999000300015>. Acesso em 05/02/2020.

CORRÊA, Y.; PEDUZZI GOMES, R.; GADIS RIBEIRO, V. *Aplicativos de Tradução Português-Libras na Educação Bilíngue de Surdos: tradução por meio de sinais ou datilologia*. RENOTE, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2018. DOI: 10.22456/1679-1916.86038. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/86038>. Acesso em: 26 jan. 2023.

CORREIA, M. *Os dicionários portugueses*. 2. ed. Lisboa, Caminho, 2009.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2004.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. Trad.: Frederico Pessoa de Barros et. al. São Paulo: Cultrix. Dictionnaire de linguistique. Paris: Larousse, 1973.

FAULSTICH, E. *Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina*. Ciência da Informação. Brasília, v.24, n.3, p.281-288, 1995

FAULSTICH, E. *Da linguística histórica à terminologia*. Investigações (UFPE. Impresso), Recife, v. 7, p. 71-101, 1997.

FAULSTICH, E.; ABREU, S. P. de (Org.). *Linguística aplicada à Terminologia e à Lexicologia: cooperação internacional Brasil e Canadá*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2003. p. 11-31

FAULSTICH, E. *Para gostar de ler um dicionário*. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo et alli (Org.). Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida – homenagem a Socorro Aragão. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166 – 185.

FAULSTICH, E. *Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica*. In: ISQUERDO, A. N; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, Vol. VII. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.

FAULSTICH, E *Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na Língua Brasileira de Sinais*. In: Entre Libras e o Português: desafios face ao bilinguismo. Jorge Bidarra, Tânia Aparecida Martins e Marcia Sipavicius Seide (org.). Cascavel, PR: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL. 2016.

FELIPE, T.A. *Bilinguismo e surdez*. Trabalhos em Linguística Aplicada, Periódicos da UNICAMP, 1989.

FELIPE, T. Escola Inclusiva e os direitos lingüísticos dos surdos. Artigo publicado na Revista Espaço, Rio de Janeiro: INES, Vol. 7. 1997: 41-46

FELIPE, T. A. *Introdução à Gramática da LIBRAS*. In: Brasil, Secretaria de Educação Especial. (Org.). Educação Especial - Língua Brasileira de Sinais Volume III - Série Atualidades Pedagógicas 4. 1ªed.Brasília: MEC/SEESP, 1997, v. III, p. 81-123.

FELIPE, Tania. A. *De Flausino ao grupo de pesquisa da FENEIS – RJ*. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO INES, 5., Rio de Janeiro, 2000. Anais. Rio de Janeiro: INES, 2000, p. 87- 89.

FELIPE, T.A. *Pesquisa sobre a Libras: de Flausino ao Grupo de pesquisa da FENEIS*. Rio de Janeiro: Anais do V Seminário nacional do INES: Surdez - desafios para o próximo milênio, 2000.

FELIPE, T. A. *Projeto Dicionário Virtual de LIBRAS*. In: V Seminário Nacional do INES: Surdez Diversidade Social, 2001, Rio de Janeiro. Anais do V Seminário Nacional do INES. 2001. p.37-48.

FELIPE, T .A. *Projeto Dicionário Virtual da LIBRAS*. Fórum, Rio de Janeiro, v.1, 02 jul. 2001 p.15-24.

FELIPE, T. A et col. *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Libras*. Rio de Janeiro, Acessibilidade Brasil - CORDE. Versão 2.0, 2005. Disponível em: http://www.ines.gov.br/dicionariode-libras/main_site/libras.htm

FELIPE, T. A. *Os processos de formação de palavras na Libras*. ETD. Educação Temática Digital, v. 7, p. 200-217, 2006.

FELIPE, T. A. *Políticas Linguísticas para inserção de Libras na Educação de Surdos*, Informativo Técnico-Científico Espaço, INES - Rio de Janeiro, n. 25/26, p.33-47,

janeiro - dezembro/2006. https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/INES_Revista_Espaco_2006.pdf

FELIPE, T. A.; BAALBAKI, A.; FAVORITO, W. MANDELBLATT, 2012. Processo de Expansão Lexical da Libras: estudos preliminares sobre criação terminológica em um curso de Pedagogia. LSI – Lengua de Señas e Interpretación, v. 3, 2012 pp. 89-102

FELIPE, T. A. *Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas*. In: Revista Fórum/Instituto Nacional de Educação de Surdos. Rio de Janeiro – RJ: INES, L 25/25, v. 1. 2012a. p. 7 – 22.

FELIPE, T. A. *Políticas Públicas para Inserção da Libras na Educação de Surdos. Revista Informativo-Científico Espaço Atendimento Educacional Especializado (AEE): os discursos contraditórios das políticas educacionais inclusivas*. In: Revista da Feneis. São Paulo – SP: FENEIS. Nº 46. Dez./Fev. 2012b. p. 27-30

FELIPE, T. A. *Banco de dados para as línguas de sinais e seus sistemas de transcrição*. In: BAALBAKI, A.; CALDAS, B. (orgs.). Instrumentos linguísticos: usos e atualizações. Araruama: Editora Carolina, 2014, p. 155-188.

FELIPE, T. A. *Bilinguismo e surdez*. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 14, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639105>. Acesso em: 17 fev. 2021.

FELIPE, T. A. *Diferentes políticas e diferentes contextos educacionais: educação bilíngue para educandos surdos x educação bilíngue inclusiva*. In: Revista Espaço, Rio de Janeiro - RJ: INES, n. 49. 2018. P.189 – 220.

FELIPE, T. A. ANPOLL. Do GELES, GT Linguagem e Surdez ao GT Libras – trajetórias e conquistas: História da emergência do campo das pesquisas em Educação Bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil: Contribuições do Grupo de Trabalho Linguagem e Surdez da ANPOLL. Coleção Educação Bilíngue de Surdos no Brasil: História, desafios e avanços – Volume 2 . Editora. CRV – Curitiba. Brasil. 2019: 63-86

FELIPE, T. A. *O Campo Lexical Meios de Transporte na Libras. O Campo Lexical Meios de Transporte na Libras*. Línguas & Letras. Volume 20. Número 48. 2019b pp 79-96 <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/23942>

FERREIRA, L. *Por uma gramática de Línguas de Sinais*. (reimpr.). Rio de Janeiro: Termo Brasileiro, 2010.

JAKOBSON, R. *Linguística e poética*. In: JAKOBSON, R. Linguística e Comunicação. 22. ed. – São Paulo: Cultrix, 2010.

LAGARES, X. C.. *Qual política linguística?: desafios glotopolíticos contemporâneos*. 1ª edição. São Paulo: Parábola, 2018.

KRIEGER, M. G. *Do ensino da terminologia para tradutores: diretrizes básicas*. Cadernos de Tradução, v. 1, n. 17. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

MACEDO, W. *Elementos para uma estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

MACHADO, F. *Conceitos abstratos: escolhas interpretativas de português para Libras*. 2. ed. Curitiba: Appris, 2017.

MACHADO, F. *Interpretação e tradução de Libras/Português/Libras dos conceitos abstratos CRÍTICO e AUTONOMIA*. 2012. 174 f. Dissertação (Mestrado de Letras e Cultura e Regionalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação de Letras, Cultura e Regionalidade (UCS), Caxias do Sul/RS, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/handle/11338/767>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MACHADO, F. *Tradução e Interpretação de Língua Portuguesa para Libras: Conceitos Abstratos de Autonomia*. Revista Línguas & Letras, [S. l.], v. 20, n. 48, 2020. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/23940>>. Acesso em: 5 fev. 2022.

MARINHO, E. J. *A atuação do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais-Português (TILSP) na educação profissional: estratégias de tradução e a criação de sinais-termo*. 2016. 156 f.: il. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2016.

MARTINS, T. A. *Estudos para especificação e modelagem de estruturas e organização de um dicionário monolíngue de Libras*. [Tese] (Doutorado em Letras) Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2020. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/5192>

MEGALE, A. (Org). *Educação bilíngue no Brasil*. Prefácio Ofélia Garcia. São Paulo: Fundação Santillana, 2019.

MEIRA, C. G. E; PEREIRA, E. ; SARZI, K. B. D. PEIXOTO, M. S. S. *Ícone e símbolo: a semiótica Peirceana na língua brasileira de sinais*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 157-166, 2017.

MELO DE SOUSA, A.; BARREIROS, L. L. S. *Panorama histórico dos estudos toponímicos em libras no Brasil*. Revista Sinalizar, [S. l.], v. 5, 2020. DOI: 10.5216/rs.v5.64069. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/64069>. Acesso em: 31 dez. 2021.

METODOLOGIA DOT, Tradução Bíblica Própria dos Surdos. Canal DOT Brasil, 14 mai.2020. 1 vídeo (7 min 51 seg). Disponível em: <https://url.gratis/9BQgTN>. Acesso em: 15 de dez.2021

NOBREGA, Y. S.. *Proposta de um Modelo de Objeto Digital de Aprendizagem para Aprendizagem da LIBRAS Apoiado em Ferramentas Automáticas* (Dissertação de mestrado em Informática), UFPB, 2016.

NUNES, C. D. *Participação escrita orientada para a criação de contextos colaborativos de aprendizagem: uma análise de atividades via fórum no CFP-CEPI*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – IL, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

NUNES, V. F. *Corporificação e iconicidade cognitiva: um estudo sobre verbos em línguas de sinais*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PIERCE, C. S. *Semiótica*. 3ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2005.

OLIVEIRA, J. S. e STUMPF, M. R. *Desenvolvimento de glossário de Sinais Acadêmicos em ambiente virtual de aprendizagem do curso Letras- Libras*. Informática na Educação: teoria e prática- Porto Alegre, v. 16, n.2, jul/dez. 2013.

PROMETI, D. *Terminologia da Língua de Sinais Brasileira: léxico visual bilíngue dos sinais-termo musicais – um estudo contrastivo*. 2020. 260 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) —Universidade de Brasília, Brasília, 2020

SAUSSURE, F.. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelani, José Paulo Paes e Izidoro Bilkstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAPIR, E. *Speech as a Personality Trait*. In: American Journal of Sociology, Vol. 32, No. 6, p. 892-905. The University of Chicago Press, 1927.

SESSA, G. *Dicionários e Glossários de Libras: o papel de resistência desses instrumentos linguísticos na comunidade surda*. IV SEPLEV – Seminário de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual, Niterói, 2018. Disponível em https://www.neplev.com.br/_files/ugd/9e9c35_f408c42d621e47cfb51da893a193fe66.pdf Acessado em 03 jun 2022.

SILVA, N. M. *Instrumentos linguísticos de língua brasileira de sinais: constituição e formulação*. Tese (doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SILVA, J. F. S. da. *Uma análise comparativa entre os aplicativos de tradução da língua portuguesa para a libras hand talk e vlibras*. 2021. Dissertação de Mestrado.

TUXI, P. *Dicionário, Glossário ou Vocabulário? Uma Análise de Obras Lexicográficas e Terminográficas em Língua Brasileira de Sinais*. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2016 p.1-15.

TUXI, P. *A terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário*

bilíngue. 2017. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília – UnB, Brasília-DF, 2017.

TUXI, P. *Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues- Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Cadernos de Tradução, v. 35, n. 2, p. 557-588, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p557/30725>>. Acesso em 10 dez. 2021

WILCOX, S. *Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages*. Germany: Walter de Gruyter, 2004.

ZANATTA, F.; MIRANDA, Félix Bugueño. *A polissemia do termo “uso”: análise de dicionários de uso do português e do espanhol*. Periódicos da UTFPR, 2007. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/download/2217/1374> . Acessado em 29 jul 2022.

APENDICES:

<https://mestrادتathiana.wixsite.com/educacaobilingue>



Educação Bilíngue para Surdos

[Página inicial](#) [Sinais-termos](#) [Referências](#) [Contato](#)





Nossa Pesquisa

Durante anos, por vários fatores sociais, educacionais e políticos, não havia o reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais – Libras no Brasil e muitos surdos tinham pouco acesso às universidades públicas e/ou particulares. Diante disso, observamos a escassez de glossários específicos nas diversas áreas do conhecimento em Libras e, por isso, há alguns intérpretes e/ou surdos que usam datilologia ao invés de um sinal-termo.

Nessa pesquisa, compreendemos glossário como um documento terminográfico de catalogação de terminologias destinado a atender um público que busca por informações lexicais precisas e visa melhorar seu desempenho linguístico, por meio do conhecimento de termos específicos de determinada área. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar e registrar terminologia específica em Libras sobre educação bilíngue a fim de contribuir com os estudos lexicográficos e terminográficos dessa língua. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, analisamos o processo de criação de sinais-termo sobre tipos de educação bilíngue. Para a coleta de dados, foram investigados doze sinais-termo extraídos do artigo “Bilinguismo e Educação Bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas” que foram analisados durante aula na disciplina “Educação Bilíngue” do Mestrado Profissional do INES.


Educação Bilingue para Surdos



[Página inicial](#)
[Sinais-terminos](#)
[Referências](#)
[Contato](#)

Sinais-terminos

Apresentamos 10 (dez) sinais-terminos sobre Educação Bilingue que foram pesquisados durante o curso de mestrado em Educação Bilingue do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, sob a orientação da Profa. Dra. Tanya Amara Felipe. Compreendemos que os "sinais-terminos" são adaptações do português que representam conceitos usados nas áreas específicas do conhecimento em Língua de Sinais Brasileira.



Clique no ícone para acessar a playlist com todos os sinais-terminos pesquisados.


Educação Bilingue para Surdos



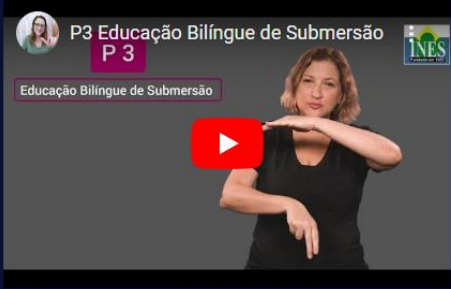
[Página inicial](#)
[Sinais-terminos](#)
[Referências](#)
[Contato](#)

1. Educação Bilingue de Submersão

Trata-se de uma proposta chamada de imersão estruturada cujos objetivos são assimilação da cultura dominante e o monolinguismo. Essa modalidade acontece nos Estados Unidos, na qual a organização das salas de aula inclui alunos de minorias linguísticas com alunos da língua majoritária, porém nem alunos nem professores utilizam a língua minoritária.









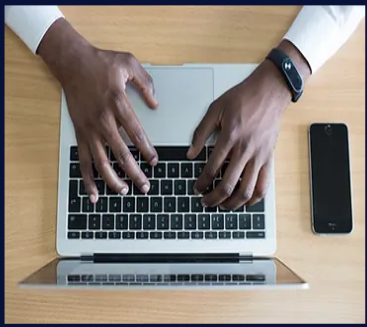
Educação Bilíngue para Surdos

[Página inicial](#) [Sinais-termos](#) [Referências](#) [Contato](#)



Contato

Nome *	Email *
Insira seu nome	Insira seu email
Telefone	Endereço
Insira seu telefone	Insira seu endereço
Assunto	
Insira o assunto	
Mensagem	
Digite sua mensagem aqui	
Enviar	



P1 Ed Bilingue Submersao

 Não listado

 **Tathiana Targine**
48 inscritos

[Analytics](#)

[Editar vídeo](#)

 0



 Compartilhar

 Download

 Salvar

...